



Novembro-Dezembro de 2008

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Autoridade da igreja opina sobre pesquisas com células-tronco

O sábio uso de força e poder na liderança eclesiástica



O criacionismo e a teologia adventista



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

Decisões difíceis

Quantas decisões difíceis você já teve que tomar no transcorrer de sua vida? Certamente, algumas estavam limitadas ao âmbito privado. Outras foram públicas. O certo é que cada um de nós enfrenta decisões que desejamos não ter que tomar, pela dificuldade que as envolve e pelo conflito que produzem em nosso íntimo. Por exemplo, a decisão de aceitar ou não um chamado, ou mudança de função.

Como pastores, não apenas somos confrontados com decisões difíceis, no âmbito pessoal, mas também somos procurados por outras pessoas em busca de ajuda para tomar suas decisões. Os membros da igreja enfrentam questões envolvendo casamento, finanças, educação, saúde, trabalho e, freqüentemente, esses irmãos e outras pessoas da comunidade solicitam nossa interferência. Porém, o que vamos lhes dizer? Que caminhos vamos apontar? Sobre quais princípios vamos fundamentar nossas orientações? Embora nem sempre possamos lhes dar as respostas que gostariam de ouvir, há três princípios que podemos usar a fim de partilhar conselhos valiosos.

Confiança em Deus

Nossa sabedoria não vem de nós mesmos. Mas, nossa dependência pessoal de Deus nos habilita a providenciar orientação significativa e sábia para aqueles que nos procuram. Vivemos em um mundo no qual a tecnologia que deve estar a nosso serviço, às vezes, distancia os indivíduos uns dos outros e de Deus. Servimos a um Deus pessoal que tem desmedido interesse em cada um de nós.

Isaías 42:17 é oportuna advertência nos momentos em que somos tentados a confiar nos grandes especialistas nas diversas áreas de conhecimento, descartando Deus, olhando-os como verdadeiros ídolos. Na verdade, jamais devíamos nos esquecer das palavras do salmista: “neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?” (Sl 56:11).

Quando confiamos em Deus e aconselhamos as pessoas a fazerem o mesmo, isso não significa que os problemas desaparecerão nem que as conseqüências serão sempre as que desejamos. Mas, o temor e o desespero desaparecerão.

Confiança na Palavra de Deus

A semelhança de muitos pastores, eu também gosto muito de ler e visitar bibliotecas e livrarias. Embora minhas atividades não permitam muitas oportunidades para isso, quando vou a uma livraria noto que há livros que abordam todos os campos imagináveis: casamento, finanças, dieta, auto-ajuda, educação de filhos, a lista é infindável. Alguns são muito bons. Porém, necessitamos ir além de bons livros seculares, em benefício de nós mesmos e daqueles que necessitam de nossa ajuda. Sim, necessitamos confiar na Palavra de Deus.

As Escrituras Sagradas relatam o que Deus fez e disse, muito tempo atrás, mas também possui a mensagem divina para os dias de hoje. “Porque a Palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois

gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hb 4:12). Sempre que tentarmos levar as pessoas a compreender que a Palavra de Deus é viva e eficaz, devemos lhes assegurar que a presença dessa Palavra em sua vida lhes apontará a maneira correta de enfrentar os desafios e tomar as decisões certas.

“Em que base aconselhamos as pessoas que nos procuram?”

Confiança nas pessoas

Relacionamentos saudáveis são construídos sobre confiança entre indivíduos e entre eles e Deus. Assim como Deus confia em nós, devemos confiar naqueles aos quais servimos. E, assim como a Palavra de Deus transforma nossa vida e nos ajuda a tomarmos decisões certas, devemos crer que ela também dirigirá outras pessoas em suas decisões. Essas podem não ser as mesmas que tomaríamos; podem até ser diferentes do que nós recomendamos, mas não podemos presumir que Deus dirija somente a nós.

Jesus mostrou confiar em Seus seguidores. João 17 exemplifica que o Mestre confiava neles e naqueles que também se tornariam Seus discípulos. A certa altura do capítulo, Ele ora: “Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste” (Jo 17:24). Seguiram-se a traição, a crucifixão e a dispersão dos discípulos.

Aquelas palavras de confiança nos alcançaram. Cristo deseja que estejamos com Ele. Se o Mestre acredita em nós, também podemos acreditar nas pessoas com quem trabalhamos. Ele nos dirigirá em nossas decisões. **M**



Fundamento inamovível

O criacionismo é tema de vital importância no mundo moderno e pós-moderno, ao considerarmos que a comunidade científica fez sua escolha pelo evolucionismo materialista como sistema de pensamento, descartando a existência de Deus. Porém, ocupando uma posição intermediária, na suposta tentativa de amenizar as tensões entre criacionismo e evolucionismo, surge o evolucionismo teísta, procurando interpretar o relato de Gênesis à luz da cosmologia científica. De acordo com a visão teísta, o mundo foi criado por Deus, não em seis dias literais, mas “os seis atos consecutivos da criação foram separados por longos períodos”, nas palavras de um erudito defensor da idéia.

Evidentemente, a questão não é simples. A idéia de uma criação em seis dias não literais invalida praticamente todo o texto bíblico e avaria seriamente a teologia adventista, como bem argumenta o Dr. Elias Brasil de Souza, em matéria desta edição. Justamente por isso, entre os anos 2002 e 2004, foram realizadas em sete Divisões da igreja mundial as chamadas “Conferências Internacionais Sobre Fé e Ciência”. Essas conferências produziram um documento, intitulado “Afirmção da Criação”, reafirmando a histórica posição adventista sobre o tema, e que já foi endossado pela liderança mundial da igreja, em outubro de 2004.

Excertos da declaração do voto dizem o seguinte: “Considerando que a crença em uma criação literal, em

seis dias, está indissolúvelmente ligada à autoridade da Escritura; considerando que tal crença se acha entrelaçada com outras doutrinas da Escritura, incluindo o sábado e a expiação; considerando que nossa missão, como adventistas do sétimo dia, como especificada em Apocalipse 14:6, inclui o chamado ao mundo para glorificar a Deus como Criador, [...] endossamos enfaticamente a afirmação do documento sobre nossa posição bíblica e histórica na crença em uma Criação realizada em seus dias literais. [...]

“Chamamos a atenção de todas as comissões e educadores das instituições adventistas do sétimo dia, em todos os níveis, para que continuem apoiando e advogando a posição da igreja concernente às origens. Junto com os pais, esperamos que nossos estudantes recebam uma exposição completa, equilibrada e científica de nossa crença histórica em uma criação literal, recente, em seis dias, mesmo que eles sejam educados a conhecer a acessar as filosofias que dominam a discussão científica das origens no mundo contemporâneo. [...]”

“Apelamos a todos os membros da família adventista mundial a proclamar e ensinar a compreensão da igreja sobre a doutrina da Criação, vivendo em sua luz, alegrando-se em nossa condição de filhos e filhas de Deus e louvando o Senhor Jesus Cristo, nosso Criador e Redentor.”

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 79 – Número 06 – Nov./Dez 2008
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos Santos
Capa: Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:
Bruno Raso; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edwin Regalado Lozano; Feliz Santamaria; Francisco C. Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B. Oliveira; Ivancy Araújo; Luiz Mário S. Pinto; Moisés Rivero; Montano de Barros Netto; Patrício B. Alfaro; Samuel Jara; Valdílio Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5972/19792

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

10 PESQUISAS COM CÉLULAS-TRONCO

Autoridade da igreja opina sobre as implicações desse tipo de estudo.

14 O VINHO NA BÍBLIA

Análise dos supostos benefícios do vinho, à luz das Escrituras.

15 ALÉM DO PÚLPITO

O ministério da pregação é indispensável, mas não é tudo.

17 GÊNESIS 1 E A TEOLOGIA ADVENTISTA

Como a interpretação simbólica do primeiro capítulo da Bíblia afeta nossas crenças.

21 HOSPITALIDADE QUE SALVA

As possibilidades evangelísticas do ministério de recepção em sua igreja.

23 “A IGREJA QUE ESTÁ EM TUA CASA”

Seria esse o modelo apropriado de congregação para os nossos dias?

27 FORÇA E PODER

Lições do trágico exemplo de autoritarismo deixado por Jeorão.

30 PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA

Ensinamentos de Salomão sobre administração eclesiástica, no livro de Provérbios.

Correção: Por um equívoco, o nome de Marcos Blanco deixou de figurar como um dos autores da entrevista com o pastor Bruno Raso, na edição anterior.

pág. 17



Imagens: NASA

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Se o evangelismo se tornar um jogo de números, isso significará um escárnio ao chamado que Deus nos faz. Ele não nos chama para o sucesso, mas para a fidelidade. E se formos fiéis, Ele assumirá a responsabilidade por nosso êxito. — Mark Finley

Apaixonado por evangelismo

“Pregar cada noite é uma experiência rejuvenescedora, uma ocasião espiritualmente revolucionária para mim”

por Nikolaus Satelmajer e Willie E. Hucks II



Há quarenta anos, o pastor Mark A. Finley se dedica à pregação do evangelho em todo o mundo. Evangelista por vocação, aos 60 anos, ele conserva o entusiasmo, vigor e disposição que somente o amor por aquilo que se faz pode proporcionar. As mudanças tecnológicas e culturais do mundo não são dificuldade para ele, que se mantém atualizado e modernizando métodos, a fim de tornar a pregação cada vez mais relevante para um público diversificado e exigente.

Em 1995, iniciou o evangelismo via satélite e, desde então, já realizou campanhas “em quase todos os continentes”, levando ao batismo mais de um milhão de pessoas.

Ex-orador do programa “Está Escrito”, o pastor Finley é vice-presidente mundial da igreja adventista, casado com a Sra. Ernestine Finley e pai de três filhos: Debbie, Rebeca e Mark Jr. Nesta entrevista concedida a Nikolaus

Satelmajer e Willie Hucks, editores da revista *Ministry*, ele fala de sua paixão pelo evangelismo.

Ministério: *O que o levou a se dedicar ao evangelismo via satélite?*

Mark Finley: Em 1995, líderes da igreja analisaram seu crescimento na América do Norte. O evangelismo estava perdendo sua efetividade em alguns segmentos populacionais, e a grande questão era: O que podemos fazer para estimular e inspirar os pastores com as possibilidades do evangelismo? O que podemos fazer para causar maior impacto na América do Norte? Começamos a explorar as possibilidades da tecnologia, numa época em que nenhuma outra denominação havia utilizado satélite, de modo significativo, em uma campanha de evangelização. Poucos anos antes, George Vandeman conduziu um seminário via satélite para oito lugares. Warren Judd, Dan Houghton e eu re-

alizamos um seminário de treinamento leigo com esse método, na Califórnia, e percebemos que seu emprego no evangelismo era perfeitamente viável. Até aqui, a igreja realizou 200 campanhas em quase todos os continentes e batizou um milhão e meio de pessoas.

Ministério: *Qual foi o seu sentimento, ao realizar sua primeira campanha evangelística via satélite?*

Mark Finley: Lembro-me perfeitamente de quando me dirigia ao palco em Chattanooga, Tennessee, em 1995, sabendo que tinha 676 igrejas ligadas àquele primeiro evento evangelístico via satélite. Para algumas pessoas, esse tipo de evangelismo parecia impessoal, mas não foi assim. As pessoas se identificaram com as mensagens. Recebemos muitas mensagens de todo o país. Um casal, por exemplo, que estava à beira da separação, nos enviou um e-mail dizendo que ao assistir às mensagens aceitou

a Cristo e estava disposto a se dar uma segunda chance. Em outra mensagem, um jovem dependente de drogas se dizia liberto por Cristo. Isso nos trouxe uma satisfação muitíssimo grande.

“Levar pessoas a Cristo é o sangue nas veias do pastor. Faço evangelismo há 40 anos e, ao terminar uma campanha, mal posso esperar para começar outra”

Ministério: *Como o senhor consegue se comunicar com uma audiência tão variada, em diferentes partes do mundo com diferenças culturais, lingüísticas e de pensamento?*

Mark Finley: Já realizei 21 campanhas via satélite. Na primeira, tentei pregar em quarenta idiomas para quarenta diferentes culturas, através de quarenta tradutores. Mas, logo descobri que esse não era o melhor caminho para evangelizar. Então, passei a ir às grandes cidades do mundo e pregar para os respectivos países, ajustando a mensagem à cultura local. O segredo é contextualização. Por exemplo, ilustrações africanas são diferentes das asiáticas. Cada cultura é única. Gasto algum tempo tentando compreender a região para a qual vou pregar, os hábitos da população e seus antecedentes históricos. Imagens também ajudam na contextualização. Se estou pregando nas Filipinas, não é conveniente apresentar imagens de pessoas loiras com olhos azuis. Se estou falando a africanos, devo usar histórias locais. A verdade bíblica é a mesma, porém, deve ser contextualizada.

Ministério: *Que métodos o senhor utiliza no preparo de pastores e igrejas para uma campanha via satélite?*

Mark Finley: Costumo usar o que chamo de cinco verdades eternas do evangelismo. Primeira: as igrejas crescem quando há reavivamento espiritual. Então, incentivamos os pastores a buscar esse reavivamento nas respec-

tivas igrejas, o que significa criar uma ofensiva de oração. Segunda: as igrejas crescem quando seus membros são treinados e equipados. Com base nisso, são realizados seminários de treinamento, ajudando as pessoas a descobrir seus dons. Terceira: as igrejas crescem quando há variadas frentes de evangelização, o que implica formação de pequenos grupos, duplas missionárias, classes bíblicas, programas de saúde, seminários sobre família e outros eventos que causem impacto na comunidade. Quarta: as igrejas crescem quando há um programa de colheita evangelística. Então, encorajamos as igrejas a realizar uma campanha de colheita cada ano. Finalmente, as igrejas crescem quando são nutridas. É preciso estabelecer um plano de pregação, visitação e envolvimento dos membros, de modo que todos sejam alimentados e fortalecidos espiritualmente.

Ministério: *Quanto tempo deve durar a fase de preparo do território a ser evangelizado?*

Mark Finley: Um caminho seguro para o fracasso no evangelismo é negligenciar o preparo. Se alguém pensa que uma campanha via satélite é uma panacéia para a conquista de novos membros, e tudo o que deve ser feito é ligar um projetor, certamente fracassará. Seis meses antes do evento, é preciso organizar o programa de oração intercessora, fazendo uma lista de ex-membros, familiares, amigos e interessados, orar em favor dessas pessoas e visitá-las. Organize equipes de oração e visitação, realize seminários para a comunidade e esteja envolvido em intensa oração. Com esse preparo, as reuniões terão sucesso. É a realidade do princípio bíblico: tudo o que for semeado, será colhido.

Ministério: *Vivemos na era pós-moderna, em que existe falta de interesse para ouvir a mensagem da Bíblia. Qual é a sua perspectiva sobre isso?*

Mark Finley: Essencialmente, o pós-modernismo é ausência de Deus na vida. Compare nossos dias com os de Paulo. Hoje, temos um filme chamado Gladiador, olhamos a tela e vemos pessoas se matando. Roma antiga inventou o gladiador; você só tinha que ir ao Coliseu e vê-lo. Muitos dramas a que hoje assistimos são imitações do primeiro século. Veja a luxúria. Os romanos tinham suas festas e as desfrutavam por meses.

Aquela era uma sociedade moralmente ímpia e perversa. Os romanos construíram anfiteatros e estádios em toda cidade, buscando prazer através dos esportes, dramas e jogos. Mas, Roma não era somente prazer; tinha um lado erudito e intelectual. Os romanos tinham um ângulo filosófico que remontava a Sócrates e Platão. A única religião formal da época, o judaísmo, causou pouco impacto no dia-a-dia do povo. Contra esse passado de prazer, entretenimento, cultura, filosofia, poder militar e negação do verdadeiro Deus, que resultava num viver sem significado, Paulo falou da loucura da pregação e como o evangelho podia satisfazer as necessidades humanas. A ordem de Jesus Cristo para Sua igreja, de ir e pregar o evangelho, não tem se tornado menos importante por causa da sociedade pós-moderna. Não existe na Bíblia um só lugar em que sejamos orientados a usar abordagem sociológica ou humanista. Não leio na Bíblia algo como: “Ide, pregai filosofia”. A sagrada ordenança do Cristo ressuscitado foi a seguinte: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho” (Mc 16:15). Para ser fiel ao mandamento bíblico, a igreja deve ser fiel à comissão de Cristo. Devemos pregar em linguagem que o povo compreenda? Certamente, sim. Devemos falar às necessidades da sociedade contemporânea numa perspectiva bíblica? Evidentemente, sim. Deve a igreja continuar buscando novos caminhos para alcançar a sociedade contemporânea? Definitivamente, sim. Devemos adaptar os requerimentos e mensagem das Escrituras para acomodá-los a um estilo de vida secular? Jamais.

Ministério: *Como o senhor avalia as mudanças que tem havido nos métodos evangelísticos com o passar dos anos?*

Mark Finley: Nos anos 70, quando passei a me dedicar exclusivamente ao evangelismo, nosso principal impulso era a verdade proposicional. Por exemplo, se eu pregasse sobre o estado dos mortos, minha preocupação era provar claramente que a morte é um repouso até a ressurreição. Assim, eu tomava todos os textos bíblicos para provar esse argumento e desafiava as interpretações errôneas. O mesmo acontecia com outras doutrinas. Com o passar dos anos, a principal questão mudou. A sociedade já não pergunta necessariamente: O que é a verdade? Sua preocupação é: A verdade é relevante? Hoje, apesar disso,

eu ainda mostro a essência do ensino bíblico, mas gasto menos tempo tentando provar a natureza da morte, e mais tempo mostrando a esperança da ressurreição para os que estão enfrentando a morte. Proclamo a verdade do sábado, mas incluo o significado do repouso em Cristo. Desse modo, ligo o proposicional ao relacional. Em nossos dias, não acontece de o evangelista pregar e o povo simplesmente ouvir. Hoje, o evangelismo enfatiza a interação e conexão entre evangelista e sua audiência. Vejo outra base para mudança em Apocalipse 14:6, 7, que fala do evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo. O evangelismo deve ser multicultural. O mundo se torna cada vez menor. O evangelista deve compreender a diversidade e ser sensível às pessoas de diferentes antecedentes. Creio que nosso mundo está caminhando para uma crise estupefante e, quando isso ocorrer, haverá uma prontidão, abertura e receptividade ao evangelho, como jamais foi visto. As sociedades em transição são muito mais abertas ao evangelho. Entretanto, se nossos dons e habilidades para o evangelismo forem atrofiados, por não aproveitarmos as oportunidades presentes, não estaremos preparados para as portas que Deus abrirá no futuro próximo. Devemos pregar, pregar, pregar e pregar. O Senhor atuará em nossa vida, através do Espírito Santo.

Ministério: Qual é o impacto que o ato de pregar e evangelizar exerce em seu crescimento espiritual?

Mark Finley: Para mim, evangelismo é transformar vidas. Ele me impulsiona a viver em oração, de joelhos, e me dirige à Palavra de Deus. Pregando cada noite em uma reunião evangelística é uma experiência espiritualmente rejuvenescedora. Vamos supor que a reunião comece às sete da noite. Eu estou no auditório entre cinco e meia e seis horas. Sento-me em uma cadeira no palco e olho cada um dos assentos em minha frente. Imagino que em determinado lugar estará um senhor de sessenta e oito anos. Em outro, uma mãe solteira com duas crianças no colo. Ainda em outro, estará um casal com seus trinta anos. Visualizo a audiência inteira e oro em favor de cada pessoa. Ali, medito sobre o poder da Palavra de Deus e Lhe peço esse poder. É uma ocasião espiritualmente revolucionária para mim. Todas as vezes em que me

levanto para pregar é como se o sermão queimasse minha alma, e mal posso esperar o momento de contar a história de Cristo. Todo pastor que esteja envolvido em reuniões de comissões, cuidado de finanças, mas não em evangelismo, está impedindo o próprio crescimento espiritual. Todo pastor que não esteja envolvido com estudos bíblicos, pequenos grupos, ou qualquer outra forma de evangelização, facilmente fica sobrecarregado e desanima. Levar pessoas a Cristo é o sangue nas veias do pastor. Faço evangelismo há quarenta anos e, ao terminar uma campanha, mal posso esperar a seguinte.

“ Todo pastor que não esteja envolvido no evangelismo está impedindo o próprio crescimento espiritual ”

Ministério: Analisando nosso passado, como igreja, verificamos que os pioneiros não iam pregar em lugares em que tivesse o êxito assegurado. Eles iam aonde necessitavam ir, e faziam o que precisava ser feito.

Mark Finley: Exatamente. Se o evangelismo se tornar um jogo de números, isso significará um escárnio ao chamado que Deus nos faz. Muitos jovens pregadores pensam que alguns pastores experientes têm evitado o evangelismo porque o vêem apenas como uma forma de manipular pessoas e levá-las ao batismo. Porém, o evangelismo é a proclamação do evangelho e da verdade da Palavra de Deus, apresentar o convite do Espírito Santo, permitir que Deus mova corações e transforme vidas. Isso é a essência da mais elevada vocação. Deus não nos chamou para o sucesso; Ele nos chamou para a fidelidade. E, se formos fiéis, Ele assumirá a responsabilidade pelo êxito das reuniões. Se os jovens pregadores conservarem isso em mente, não ficarão preocupados nem se tornarão ansiosos pelo sucesso. Preguem

a Palavra de Deus e deixem os resultados com Ele.

Ministério: A que o senhor atribui o fato de os pregadores não fazerem, hoje, tantos apelos como no passado?

Mark Finley: Como bem afirmou Charles Spurgeon, um pecador tem coração e mente. Sei que Billy Graham tem muitas cartas em seus arquivos, que lhe foram endereçadas por psicólogos. Essas cartas o elogiam por fazer apelos. Os psicólogos podem não concordar com todo o conteúdo da pregação de Billy Graham, mas concordam com a importância de oferecer ao povo uma oportunidade para responder a um apelo, apenas do ponto de vista da saúde interior. Eles acreditam que o ato de as pessoas tomarem alguma decisão é catártico. Isso é extremamente fascinante! Assim, os pregadores não devem se esquecer de que as pessoas são seres físicos, mentais e espirituais. Elas têm emoções e intelecto, e o evangelho deve apelar a cada aspecto da vida. Outra razão pela qual alguns pregadores hesitam em fazer apelo é que não compreendem o papel do apelo. Por que fazer um apelo, se Deus já sabe de tudo? Lemos, em Provérbios 16, que quando temos certos pensamentos e agimos em relação a eles, esses pensamentos são fortalecidos. Pensamentos levam às ações que, por sua vez, levam a pensamentos posteriores. Quando fazemos apelos, cooperamos com o Espírito Santo no trabalho de fortalecer e intensificar os pensamentos, de modo que o indivíduo se torne solidamente comprometido com Cristo. Como pregadores, nossa responsabilidade é dar à nossa audiência a oportunidade para responder ao evangelho, sem nos preocuparmos com quantos responderão. Deixemos isso com Deus.

Ministério: Se Cristo voltar em nossos dias, o que o Senhor gostaria de estar fazendo quando isso acontecer?

Mark Finley: Tenho dois sonhos que gostaria de ver realizados quando Jesus voltar. Um deles é estar pregando e fazendo um apelo, vendo-O aparecer e, então, ascender juntamente com Ele. Porém, há outro sonho muito mais acariciado: gostaria de estar fazendo o culto com minha esposa, meus três filhos seus cônjuges e filhos. Quero ver todos eles salvos. Essa será a maior alegria de minha vida. ❀

Tempo de comunicar



Jorgeana A. Longo

Esposa de pastor e professora de inglês na Associação Sul-Paranaense, Curitiba, PR

O desafio de partilhar a verdade com um mundo amoral e cético é grande, mas não podemos nos esquivar

AFAM

O século 21 traz grandes desafios à religião pura e imaculada. O pós-modernismo introduz em nossa sociedade idéias que são responsáveis pela onda de comportamentos e atitudes céticos em relação aos valores fundamentais da vida. É nesse ambiente que surge oposição às tradições, bem como adoção de argumentos que apresentam a religião com descaso, desprovida de seriedade e valor para os dias atuais. Contrariedade às leis tornou-se o lema principal. Friedrich Nietzsche um dos mais influentes filósofos, em seu livro *O Anticristo*, projeta uma vida com valores sem necessidade de um Deus, pois, segundo ele, Deus é nada mais nada menos que uma projeção daquilo que gostaríamos de ser. Essa ilusão é aceita por muitas pessoas, o que torna mais difícil a pregação da verdade. De fato, este é um tempo em que são necessários homens que não se esquivem de vindicar com amor a honra e o caráter de Deus.

A palavra de Deus apresenta um antídoto infalível para todo sofisma oferecido pelo pós-modernismo. O capítulo 17 do Evangelho de João contém não apenas a mais bela oração intercessora já proferida, mas também sumariza a obra messiânica. Naquela oração, Cristo deixa claro que se Seus seguidores cumprirem os anseios ali revelados, serão agraciados com êxito na missão de apresentá-Lo como enviado de Deus. Meditemos em alguns aspectos daquela oração.

Proclamação de vida

“E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste” (Jo 17:3). Durante Seu ministério terrestre, Cristo apresentou a verdade a um mundo que não mais sabia discernir entre ela e o erro. O padrão de moral de hoje não é melhor do que o dos tempos bíblicos. Assim, como Cristo, devemos proclamar a verdade absoluta e dizer que ela se encontra em Deus; de fato, é Deus.

Não haverá salvação no relativismo ilusório do pós-modernismo. “O mundo necessita conhecer quem é Deus, que é auto-existente, atemporal, inimaginavelmente poderoso, já que Ele é o criador do Universo, também um Deus pessoal, determinado e absolutamente puro no aspecto moral. Ele é o padrão imutável da moralidade pelo qual todas as ações são medidas. Esse padrão inclui justiça e amor infinitos”.¹

Amor ao próximo

“Manifestei o Teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, Tu mos confiaste, e eles têm guardado a Tua palavra” (Jo 17:6). Nesse texto, “nome” significa o caráter de Deus, que tem o amor como uma de suas características. Cristo manifestou a toda pessoa o verdadeiro amor como princípio divino não baseado em trocas ou em interesses egoístas, mas puro, altruísta, permanente, influente e produtor de frutos. O mundo clama por amor duradouro e veraz.

Em um dos seus clássicos da literatura, Goethe se refere a um personagem, com as seguintes palavras: “A sociedade em que vive é-lhe um fardo pesado, porque não satisfaz a nenhum dos pendores de seu coração”.² Assim, vivem os homens em busca de prazeres que lhes afuguem o ego, mas que não preenchem o vazio muito menos satisfazem o anseio por amor. Com isso, o ceticismo e o descaso se expandem. Deus nos tem posto em contato com pessoas que não O conhecem para que, através de um olhar, palavra suave, ou gesto solidário, Seu amor continue a ser manifestado.

Rejeição do mundo

“Eu lhes tenho dado a Tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também Eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também Eu não sou” (Jo 17:14-16). Cristo não orou para que Seus discípulos fossem

tirados do mundo. Orou para que nele permanecessem a fim de testemunhar, guardados da corrupção mundana por meio de Sua palavra. O mundo os odiou porque suas ações não estavam em acordo com seus propósitos egoísticos.

É importante termos em mente que a oração sacerdotal de Cristo inclui aqueles que viessem a aceitá-Lo, através da palavra anunciada pelos discípulos (Jo 17:20). Nisso, nós estamos incluídos. Portanto, também estamos no mundo, mas não lhe pertencemos. A Palavra de Deus ainda é nossa salvaguarda contra os ardis para os quais o inimigo tenta nos atrair. Ela nos comunica vida bem como nos mostra o caminho certo a seguir. De acordo com o salmista, a palavra de Deus é lâmpada que ilumina nosso caminho (Sl 119:105). Somente homens que, assim como Cristo, vivem no mundo sem se deixar contaminar comunicarão com clareza as verdades da Palavra de Deus. “Aqueles que são coobreiros de Cristo, participantes com Ele de Sua abnegação e sacrifício, podem ser instrumentos em trazer-Lhe almas, e podem vê-las salvas, para louvar a Deus e ao Cordeiro que as redimiu.”³


Santificados na verdade

“É a favor deles Eu me santifico a Mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.” Essa é a grande mensagem desta primeira parte do capítulo. Em nosso favor, Cristo Se santificou para a realização de uma obra que somente através de comunhão fervorosa e ação contínua pode ser realizada. É nosso dever agir como Cristo, seguir Seus passos e santificar-nos na verdade em favor dos outros. Somos enviados a um mundo descrente, frio, carente da verdade. Fomos chamados a proclamar as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz (1 Pd 2:9).

Cristiano era um homem arrebatado pelo vício. Havia muitos anos, vivia sob o domínio

do álcool. Lutava consigo mesmo sem obter êxito. Quando se embriagava, sua esposa e seus filhos sofriam com sua fúria. A vida ao seu lado era intolerável. Certo dia, ao retornar do trabalho, Cristiano encontrou a casa vazia. Os filhos e a esposa finalmente o abandonaram. A tristeza o abateu, passou muitos dias mergulhado em aflição.

Desesperado, resolveu ir a uma igreja; quem sabe, encontraria refúgio. No trajeto, passou em frente a uma alfaiataria. O alfaiate o cumprimentou e perguntou-lhe aonde estava indo. A pronta resposta foi: à igreja. Sem delongas, o alfaiate retrucou: Por que está indo hoje? O dia de ir à igreja é o sábado. Nada entendendo, Cristiano se interessou pelo assunto e quis saber mais. Juntos, estudaram a Bíblia, e Cristiano aceitou a Jesus como seu Salvador. Hoje comunica esperança àqueles que não a têm.

O desafio de comunicar a verdade a um mundo cético e amoral é grande, mas não podemos nos esquivar. Este é o tempo para comunicar Deus. Como líderes, precisamos ser encontrados na frente da batalha. Se nossas atitudes forem semelhantes às de Cristo, a igreja seguirá nosso exemplo e seremos vitoriosos “Diligência em uma atividade apontada por Deus é uma importante parte da verdadeira religião. Os homens deveriam apoderar-se das circunstâncias como sendo instrumentos de Deus com que executar a Sua vontade. Ação pronta e decisiva no tempo certo alcançará gloriosos triunfos.”⁴ 

Referências:

¹ Norman Geisler e Frank Turek, *Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu* (São Paulo, SP: Editora Vida Acadêmica, 2004), p. 202.

² Johann Wolfgang von Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (São Paulo, SP: Círculo do Livro), p. 93.

³ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 686.

⁴ _____, *Profetas e Reis*, p. 676.



Pesquisas com células-tronco



Allan Handysides

Diretor do Ministério de Saúde da Associação Geral

O que diz uma autoridade da igreja sobre as implicações dessa questão polêmica

Em seu escritório, o pastor Donald* recebeu Roberto e Beth, dois fiéis membros de sua igreja, que lhe solicitaram uma entrevista. O pastor logo percebeu que eles estavam um pouco mais ansiosos do que normalmente estariam. Depois dos cumprimentos, Roberto olhou para Beth, e ela respondeu: “Comece você, Roberto”.

Durante os minutos seguintes, o casal abriu o coração, falando sobre sua incapacidade para gerar filhos e, então, expôs a principal preocupação: O que o pastor achava da fertilização *in vitro*? O médico havia proposto que Beth deveria submeter-se à estimulação hormonal a fim de produzir certa quantidade de óvulos que seriam colhidos por uma seringa. Esses óvulos seriam expostos ao esperma de Roberto, em uma câmara, e os melhores candidatos à implantação no útero de Beth seriam selecionados depois de 48 horas. Esperava-se que o processo resultasse em gravidez.

O pastor observava o casal e suas preocupações, quando Beth voltou a falar: “Bem, eles podem conseguir mais óvulos do que podem ser implantados. Nesse caso, a proposta é congelar a quantidade extra de óvulos para que talvez sejam usados posteriormente”. Roberto e Beth tinham aproximadamente 35 anos e seria ótimo que tivessem filhos. Pensando nisso, o pastor disse: “Beth, considerando que, segundo o médico, suas trompas de falópio estão bloqueadas, acho que isso seria maravilhoso para vocês”.

Alguns meses mais tarde, radiantes, Roberto e Beth interromperam o pastor à saída do templo com a seguinte informação: “Beth está grávida”. Passaram-se mais três meses, e o casal encontrou novamente o pastor, depois do culto. Roberto ainda estava radiante; Beth, um pouco menos. “Adivinhe, pastor”, ele disse, “teremos trigêmeos.” E assim foi. Nasceram uma menina e dois meninos. Às vezes, Beth parecia um pouco menos maquiada que antes, e Roberto, um pouco mais amarrotado, mas eram felizes com sua grande família, uma bênção para a igreja.

O pastor foi transferido e, depois, se tornou presidente da Associação. Certo dia, durante um congresso, Roberto e Beth com seus três filhos o cumprimentaram. Eles pareciam maravilhosos. Roberto estava um pouco barrigudo, Beth ainda conservava sua beleza e as crianças eram bem-comportadas. Numa pausa entre as reuniões, os três voltaram a conversar: “Pastor”, disse Beth, “quando nós fizemos a fertilização *in vitro*, foram colhidos sete óvulos. Três foram implantados e quatro estão congelados. Pagamos duzentos dólares por ano, para mantê-los. Mas, recentemente fomos abordados para oferecê-los para pesquisa. Eles querem transformar os óvulos em células-tronco.”

Roberto continuou: “Dizem que há grandes possibilidades de que células-tronco sejam usadas no tratamento de enfermidades como câncer, doenças degenerativas, insuficiência cardíaca e diabetes. O senhor acha que agiremos certo, doando esses óvulos para pesquisas?”

A mente do pastor começou a girar. Ele realmente não estava muito a par da novidade. Tinha lido pouco sobre a questão. Qual seria sua resposta? Afinal, esse é um assunto complexo, difícil, que causa impacto em áreas como teologia, ética e escolha pessoal.

Buscando fatos

Pedindo tempo para pensar, o pastor foi pesquisar e encontrou que as células-tronco possuem capacidade para se multiplicar em conexão com funções específicas. Descobriu que uma célula-tronco do sangue pode diferenciar sua “descendência” em múltiplos tipos de células sanguíneas, e dessas, são derivadas duzentas células especializadas encontradas no corpo humano. As células-tronco também se tornam algo como especializadas. Em outras palavras, uma cuidadosa busca nos tecidos pode encontrar células-tronco dentro deles, mas essas células-tronco são numericamente esparsas, difíceis de ser colhidas e, freqüentemente, se desenvolverão apenas no tecido do qual foram derivadas. Assim, qualquer que seja o potencial dessa célula “adult”, ela não é tão boa como a célula encontrada em óvulos fertilizados.

Segundo cientistas, as células no óvulo são tão potentes que podem ser direcionadas para crescer em qualquer tipo de órgão humano. A promessa de uma célula-tronco embrionária reside em sua grande capacidade para se tornar em qualquer tipo de tecido. Se um rim, pulmão, músculo cardíaco ou célula do cérebro puderem ser desenvolvidos a partir de tais células-tronco, as possibilidades de substituir tecidos degenerados ou enfermos em pacientes parecem enormes. Porém, tais tecidos seriam derivados à custa do potencial desenvolvimento de um bebê completo.

Um óvulo fertilizado, ou uma célula, rapidamente produzirá inúmeras células e qualquer uma delas, em seu estágio inicial, é capaz de ser tirada do óvulo fertilizado e funcionar à semelhança deste. Isso tem levado geneticistas a removerem uma célula de um embrião e testá-la em doenças genéticas. Como tal célula é saudável, o embrião do qual ela foi tirada tem a capacidade de ser implantado onde possa continuar crescendo, e produzir um bebê normal. Na verdade, qualquer célula tomada do embrião possui esse potencial, se for implantada em um útero sob condições favoráveis, tornando-se gêmeo idêntico ao embrião do qual foi derivada.

Esse potencial tem sido buscado através de pesquisas científicas. Nessa busca, os cientistas têm procurado tomar um óvulo infertilizado, colocando o núcleo de uma célula regular dentro dele, no chamado “processo de clona-

gem”; mas, o propósito devia ser o desenvolvimento de células-tronco.

O que fazer?

A Roberto e Beth foi solicitado doar os óvulos fertilizados ou embriões para pesquisa. Talvez, Beth não pudesse gestá-los por causa da idade. Eles poderiam oferecê-los para adoção em algum ventre, mas para isso existem disponíveis centenas de milhares de embriões. Na realidade, a questão enfrentada era: O que fazer com esses óvulos fertilizados?

Confuso, o pastor coçou a cabeça. Deve o pastor ser o árbitro final nessa complexa questão ética? No dia seguinte, ele se encontrou com o casal. “Bem”, disse o pastor, “aprendi bastante sobre o assunto, mas tive de verificar mais completamente tudo o que promovia ou condenava a idéia! Vi muita confusão na internet, mas achei duas excelentes fontes nacionais: o *National Research Council* e o *Institute of Medicine of the National Academies*. Eles produziram um guia de procedimentos para pesquisas com células-tronco embrionárias de seres humanos.”

“Mas, o material científico não nos ajuda no dilema ético, pastor”, disse Beth, no que foi apoiada por Roberto: “O que diz a Bíblia a respeito da pesquisa com célula-tronco? Essa é nossa questão”. “Quando fomos informados de que teríamos trigêmeos, o médico quis remover um deles para facilitar a sobrevivência dos outros. Hoje, estou muito feliz por haver optado pela preservação dos três; mas, não sei o que teria feito se fossem seis”, continuou Beth. “Em nossa idade”, acrescentou Roberto, “estamos seguros de que não queremos mais filhos. E não sabemos de alguém que deseje os óvulos.”

“O que acontecerá se eles não forem usados com propósito de fertilidade?”, perguntou o pastor. “Eventualmente morrerão ou serão destruídos”, Beth respondeu, “e esse é o grande problema. Que terrível desperdício deixá-los morrer!”

A mente do pastor voltou ao momento em que os aconselhou a fazer a fertilização *in vitro*. Enquanto pensava nisso, lembrou-se de uma frase que ouviu em uma passeata: “Se não é um bebê, você não está grávida”. Então, se perguntou: “Se você não está grávida, existe bebê?” e, em seguida comentou: “O ponto crucial do problema gira em torno de quando a vida tem início. Se uma célula é tomada para testar se o

óvulo fertilizado é geneticamente normal, e de fato é achado normal, então o óvulo é implantado. Se for desenvolvido um bebê normal, ninguém questiona se sua vida foi tomada para garantir sua saúde, certo?”

“Não”, replicou Beth. “Mas, se fosse uma célula anormal fertilizada, carregando uma terrível doença, ainda haveria gente favorável à implantação.” “É fácil para eles dizerem isso. Mas o que aconteceria se fosse você?”, interferiu Roberto. “Eu não vejo isso como aborto, porque não há gravidez. Não acho que exista vida antes do início da gravidez.” Beth retrucou: “Porém, a questão não diz respeito ao que nós pensamos, mas ao que a Bíblia diz.”

O pastor argumentou: “O problema de questões desse tipo é que elas estão fora do contexto dos tempos bíblicos. Na verdade, só podemos considerar princípios. No Gênesis, é dito que Deus formou Adão no momento em que soprou em suas narinas o fôlego de vida, ‘e ele se tornou alma vivente’. Porém, esse ‘fôlego de vida’ não foi a mesma coisa como o fôlego de um bebê. Nele, havia força de vida do Criador.”

Então, Roberto insistiu: “Quando a vida começa: na concepção, implantação, quando há sangue?” “A Bíblia não responde diretamente a essa questão”, disse o pastor. “No Salmo 139, Davi diz que o Senhor o conheceu desde quando foi ‘maravilhosamente formado’. A Versão King James traduz essa frase como formação embrionária. Mas então, a punição do Antigo Testamento a alguém que causasse aborto não é a mesma para quem matasse uma pessoa, sugerindo assim uma escala de valores.”

Roberto interferiu: “Mas, o que dizer de textos segundo os quais ‘a vida está no sangue’? Significa isso que a vida começa no momento da formação do sangue, o que pode ocorrer apenas após seis semanas de gestação?” “Não temos isso como certeza, embora muitos cristãos jamais queiram interromper uma gravidez em qualquer estágio”, respondeu o pastor.

Beth insistiu, como que suplicantemente ao pastor: “Mas eu não estou grávida. Estamos falando de células microscópicas numa placa de Petri.”

Exatamente nesse momento, um idoso irmão passava em sua cadeira de rodas, com o rosto pálido e as mãos trêmulas. Vítima do mal de Parkinson, ele era digno de compaixão. Foi impossível evitar o pensamento: Poderiam as

pesquisas com células-tronco um dia reverter a condição daquele homem e lhe devolver sua força e vigor?

O pastor Donald estava pensativo. “Eu diria que há tanto debate sobre o real momento em que a vida começa, que talvez nunca sejamos capazes de responder à pergunta. Entretanto, seguramente, como cristãos, necessitamos ter em mente certos princípios ao considerarmos tais assuntos.

“Eu gostaria de enumerá-los. Primeiramente, um profundo respeito pela vida humana, reconhecendo-a como misteriosa, magnificente, um dom de Deus. Creio que temos que respeitar a dignidade humana, todavia, temos a responsabilidade de avançar no melhoramento da saúde humana. Como cristãos, também estamos comprometidos a aliviar o sofrimento humano. Autenticidade, autonomia pessoal e justiça são muito importantes para o cristão. Contudo, também reconheço que embriões jamais

deveriam ser criados para propósitos de pesquisa ou avanço do conhecimento.”

Beth interrompeu: “Mas, nós não criamos esses embriões para pesquisa!”

“Não estou dizendo que você o fez”, replicou o pastor, “e nessa circunstância, estou inseguro quanto ao que aconselhar; mas, sinto que, mesmo que você concordasse com a pesquisa, deveria haver o mais estritamente ético manuseio dos tecidos, sob a supervisão de comissões para pesquisas.”

Roberto balançou a cabeça, concordando, e acrescentou: “Eles têm comissões na universidade, pastor, e nelas existe boa representação de teólogos. Como o senhor sabe, também há um imperativo para o cristão se envolver no auxílio a outras pessoas. Jesus gastou muito tempo curando doentes.”

“Pessoalmente, eu me sentiria melhor se eles tomassem apenas uma célula ou duas do embrião, e pudessem considerar o embrião original como um tipo

de ‘tecido doador’”, disse Beth, acrescentando: “dessa maneira poderíamos sempre dar o embrião a um casal que desejasse ter um bebê.”

“Sim”, disse o pastor, “isso poderia significar um longo caminho para aliviar algumas ansiedades sobre todo o processo.”

Roberto e Beth se entreolharam, e perguntaram ao pastor: “Então a igreja não tem regras sobre isso?”

“Bem”, respondeu o pastor, “nós somos a igreja e não temos sido capazes de encontrar um claro ‘assim diz o Senhor’. Nem nossos teólogos chegaram a um consenso claro. Talvez, essa seja uma daquelas áreas em que, cada um de nós, individualmente, deva chegar à conclusão que considere a melhor, porque a igreja não pode ser nossa consciência. Quando fizermos isso, com fervorosa oração e com inteligência, estaremos permitindo a direção do Espírito Santo.

*Todos os nomes são fictícios.



CONSIDERAÇÕES ÉTICAS SOBRE PESQUISAS COM CÉLULAS-TRONCO EMBRIONÁRIAS HUMANAS

Células-tronco adultas

O apelo médico das células-tronco adultas está baseado em suas duas características definidoras: versatilidade e auto-renovação. Uma vez isoladas, e com permissão para crescer no laboratório, as células-tronco adultas poderiam, em princípio, ser usadas para reabastecer certos tecidos humanos exauridos pelos anos ou por doença. Entretanto, obstáculos impedem tal aplicação prática. Primeiro, as células-tronco adultas são raras. Elas usualmente representam uma minúscula fração de células em um tecido e é difícil separá-las de outras células do corpo. Outra restrição é que sua versatilidade é limitada.

As células-tronco embrionárias têm atraído enorme atenção porque elas têm capacidades singulares. Ao contrário das adultas, elas têm flexibilidade, podem se tornar quase em todo tipo de célula, uma capacidade chamada de pluripotência. As células embrionárias também são auto-renováveis, reproduzindo-se indefinidamente para fazer mais células-tronco embrionárias, quando as condições são apropriadas.

Para compreender o significado desses assuntos, o investigador precisa apreciar o potencial que é oferecido pelas células-tronco embrionárias e como elas diferem da maioria das células do corpo bem como das células-tronco adultas. O corpo humano é quase que inteiramente formado de células que desempenham funções altamente especializadas. Os biólogos têm identificado aproximadamente 200 diferentes tipos de células, tais como células musculares, nervosas e células da pele. Cada tipo tem uma estritamente definida faixa de atividades. É o trabalho conjunto dessas células que torna possível a vida humana.

Preocupações éticas

A presente discussão sobre células-tronco embrionárias focaliza uma questão fundamental: Quando tem início a vida humana?

Alguns cristãos, baseando-se no relato da criação (Gn 2:7), acreditam que a vida humana começa com a primeira respiração depois do nascimento. Segundo essa visão, a vida começa por ocasião do nascimento. As pesquisas com células-tronco embrionárias podem, obviamente, ser acomodadas dentro desse ponto de vista.

Outros cristãos acreditam que uma pessoa nova e única vem à existência no momento da concepção. Eles apontam a evidência bíblica de que a vida pré-natal é real e valiosa (Sl 139:13). Frequentemente, essa visão leva à conclusão de que, desde o momento da concepção, o embrião merece a proteção dispensada a qualquer outro ser humano. De acordo com essa perspectiva, nenhum benefício potencial a outros seres humanos pode justificar a destruição do embrião humano.

Ainda outros cristãos sustentam que a condição moral da vida pré-natal se desenvolve gradualmente através de muitos importantes estágios, em um crescendo até o nascimento. Por exemplo, as Escrituras falam de tecer no ventre materno (Sl 139:13), indicando, assim, a conscientização de um processo de desenvolvimento. A condição legal designada à vida pré-natal difere da que era atribuída à vida pessoal estabelecida (Êx 21:22-25). De acordo com a visão desenvolvimentista, a implantação é de crucial importância, porque é impossível o progresso posterior, se o embrião não for implantado num útero.

Outro momento importante é o início da atividade neurológica organizada. Viabilidade, quando o feto é capaz de manter a vida fora do ventre, é outro ponto significativo no desenvolvimento pré-natal. Embora a visão desenvolvimentista inclua a crença de que embriões iniciais têm potencial humano e possuem valor moral simbólico e digno de respeito, essa visão pode também permitir a pesquisa embrionária depois de considerar o estágio do desenvolvimento do embrião e o propósito da pesquisa.

Princípios

Respeito pelo dom da vida humana.

Nosso criador é o doador e mantenedor da vida (Gn 1:30; 2:7; Sl 36:9; At 17:24-28). A Bíblia prescreve a proteção dos seres humanos e Deus os responsabiliza por tirarem a vida do semelhante (Gn 9:5, 6; Êx 20:13; Dt 24:16; Pv 6:16, 17; Rm 13:8-10). As Escrituras retratam o criador como estando envolvido no desenvolvimento da vida humana durante a gravidez (Sl 139:13) e estipula penalidades para aqueles que negligentemente injuriem o desenvolvimento fetal (Êx 21:22-25).

Proteção da dignidade humana. Os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26, 27) e, assim, receberam dignidade pessoal. Todo cuidado deve ser exercido para evitar ações que ameacem ou diminuam essa dignidade. Com referência às pesquisas com células-tronco embrionárias, isso significa que os embriões não devem ser criados para propósitos de pesquisa ou simples ganho comercial.

Avanço da medicina. Os seres humanos são hospedeiros do Espírito Santo (1Co 6:19; 2Co 6:16; Ef 3:14-19; 5:30-32). Isso lhes permite se tornar refletores do caráter de Deus, embora permaneçam mortais. Essa habitação divina no ser humano resulta em consciente desejo de revelar Sua influência. A vida independente alcança seu mais alto grau de plenitude, quando o Espírito Santo habita no indivíduo. À luz dessa crença, os adventistas promovem a saúde integral com o objetivo de alcançar o mais alto grau possível de plenitude.

Alívio do sofrimento humano. O plano de Deus para os seres humanos inclui uma crescente compreensão e apreciação das maravilhas de Sua criação (Sl 8:3-9; 139:1-6, 13-16; Mt 6:26-29). Portanto, os esforços para compreender as estruturas básicas da vida devem ser encorajados através de cuidadosa pesquisa, especialmente quando tal investigação é feita com o propósito de servir à saúde do ser humano. Os cristãos aceitam a responsabilidade para prevenir o sofrimento, preservar ou restaurar a saúde humana sempre que for plausível (Lc 9:1, 2; At 10:38).

Autenticidade. Os cristãos favorecem a autenticidade e abertura (Pv 12:22; Ef 4:15). Assim, as pesquisas com células-tronco embrionárias devem ser governadas por claras apresentações da verdade sobre seu propósito, sem exagerar seus potenciais benefícios ou garantia de sucesso.

Autonomia pessoal. Aos seres humanos, Deus concedeu liberdade para pensar e agir. O criador chama cada pessoa a tomar decisões baseadas em princípios (Gn 3; Dt 30:19; Gl 5:13; 1Pe 2:24). As decisões sobre pesquisas com embriões congelados devem ser feitas por aqueles que têm legítima autoridade para consentir a pesquisa.

Justiça. As Escrituras ensinam que o povo deve ser tratado honestamente (Dt 10:17-20; Mq 6:8; Mt 5:43-48). Se as pesquisas resultam em benefícios, elas devem estar disponíveis na base de necessidades médicas, e não sob a base de percepções de valor ou prosperidade social. ✕

O vinho na Bíblia

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”



Maria dos Santos

Bibliotecário do Colégio Adventista de Santo Amaro, São Paulo

Sendo que a Bíblia não se contradiz, como harmonizar as afirmações de que o uso do vinho tanto é uma bênção como maldição? Segundo o *Novo Dicionário da Bíblia*, “esses dois aspectos do vinho, em seu uso e seu abuso, seus benefícios e sua maldição, estão entrelaçados no Antigo Testamento de tal modo que o vinho pode tanto alegrar o coração do homem (Sl 104:15) como fazer sua mente errar (Is 28:7). Pode ser associado ao regozijo (Ec 10:19) ou à ira (Is 5:11). Foi usado para descobrir as vergonhas de Noé (Gn 9:21) e, nas mãos de Melquisedeque, foi usado para honrar Abraão (Gn 14:18)”.

No Antigo Testamento

Se essas duas possibilidades antagônicas provêm do vinho, é fácil concluir que a Bíblia apresenta duas espécies distintas da bebida. A primeira é o vinho não fermentado (do hebraico *tirôsh*), o puro suco da uva, que pode ser uma bênção. A outra espécie é o vinho fermentado (do hebraico *yain*), alcoólico, intoxicante, causador de problemas sociais e familiares.¹

A fermentação do vinho é realizada por um tipo de fungo que vive no solo e é transportado para as uvas, pelo vento ou por animais. Hoje, nas tinas em que o mosto é fermentado, este parece que ferve, formando borbulhas, devido ao desprendimento de gás carbônico. Terminada essa fase, o mosto é decantado, purificado e filtrado. Eis o vinho. Esses fungos são vulgarmente chamados de levedura ou fermento, mas seu nome científico é *Saccharomyces*. Para crescer e multiplicar-se, basta que encontrem ambiente propício.²

Há muitas advertências quanto ao uso do vinho, no Antigo Testamento. Arão e seus filhos (sacerdotes) foram estritamente proibidos de beber vinho ou bebida forte (*shekhar*), ao entrarem no tabernáculo para ministrar diante do Senhor (Lv 10:9). Os nazireus eram igualmente proibidos de usar vinho, enquanto estivessem debaixo do voto (Nm 6:3, 20; Jz 13:4-7). Os recabitas também se abstiveram do vinho (Jr 35:2, 5, 8, 14). O livro de Provérbios está repleto de advertências contra o vinho e bebida forte (Pv 20:1; 21:17; 23:30, 31; 31:4). Isaías declarou: “Ai dos que são heróis para beber vinho e valentes para misturar bebida forte” (Is 5:22). Daniel e seus companheiros rejeitaram o vinho do rei (Dn 1:5, 8, 10-16).

No Novo Testamento

O principal problema do estudo do vinho no Novo Testamento é que, embora a língua grega empregue palavras distintas para expressar idéias diferentes, utiliza apenas uma palavra para os dois tipos de vinho (*oinos*). Alguns comentaristas crêem que Paulo, em 1 Timóteo 5:23, defendeu o uso moderado do vinho fermentado para propósito medicinal. Naquela época, ele era considerado útil na cura de várias doenças. Porém, a abstinência total significa renúncia ao vinho não apenas como bebida, mas também como remédio.

Analisada em seu contexto, a passagem de 1 Timóteo 5:23 jamais pode ser considerada favorável ao uso do vinho fermentado. Afinal, o apóstolo Paulo sempre defendeu total abstinência desse tipo de vinho (Rm 14:21; Ef 5:18). Para ele, nosso corpo é o templo do Deus vivo e o Espírito Santo faz nele morada (1Co 3:16, 17). Conseqüentemente, não é seguro alguém se valer desse texto para defender o uso de vinho fermentado.

Também podemos afirmar que o vinho usado por Jesus, na última ceia, não era fermentado. Durante a Páscoa, não devia haver fermento em nenhum compartimento da casa, desde que, na Bíblia, ele é símbolo do pecado. Se os pães asmos não continham fermento, é fácil concluir que o vinho também não podia ser fermentado (Gn 19:3; Êx 13:6, 7; Lv 23:5-8; Lc 22:1).

Considerando que a Bíblia condena o uso do vinho fermentado, é lógico concluir que Cristo também não poderia prover esse tipo de bebida nas bodas de Caná (Jo 2:1-12). Aliás, naquele que foi Seu primeiro milagre, o vinho não foi extraído de uvas, mas da água, que não continha fungos do fermento.

O exemplo dos sacerdotes e dos nazireus, as advertências de Salomão, a orientação divina para João Batista bem como as instruções de Paulo induzem a uma conclusão que deve ser partilhada com os que tendem a simpatizar com o vinho: a abstinência é o caminho ideal e mais seguro proposto por Deus a Seus filhos de todas as épocas.

Referências:

¹ Pedro Apolinário, *Explicação de Textos Difíceis da Bíblia* (São Paulo, SP: IAE, 1984), p. 107, 108.

² Enciclopédia Conhecer, (São Paulo, SP: Editora Abril, 1970), v. 12, p. 1876.

Além do púlpito



Divulgação Ministry

Clifford Owusu-Gyamfi

Pastor na Associação
Gana Central, em
Kumasi, Gana

*Se o pregador
estiver
demasiadamente
ocupado para
dedicar tempo
às pessoas,
dificilmente será
eficaz*

Depois que terminei o sermão, uma senhora de aproximadamente 35 anos se aproximou de mim e confessou, entre lágrimas, que tinha cometido pecado sexual. Durante muitos anos, mesmo tendo-me ouvido pregar um sermão após outro, ela reincidia na prática desse tipo de pecado. E se sentia tão mal que já não podia suportar o peso da culpa. Então, me encontrei longe do púlpito, conversamos a sós muitas vezes e, pela graça de Deus, ela se recompôs.

Muitas pessoas na igreja querem apenas isto: um encontro com o pastor, a fim de conversarem a respeito das ansiedades da vida. Algumas delas têm suas perguntas respondidas e todas são agradecidas pelo fato de poderem ser ouvidas com paciência e simpatia por seu pastor.

Infelizmente, alguns pregadores costumam desaparecer antes de descer do púlpito, e membros de muitas congregações têm ficado surpresos diante da existência de pregadores cujas mãos eles nunca puderam apertar. Eu mesmo costumava desaparecer imediatamente após o discurso do púlpito, mas acabei descobrindo quão errado estava. Agora sei que, na verdade, posso desenvolver um pastorado mais poderoso além do púlpito, embora o ministério da pregação também seja essencial.

Em outra ocasião, eu mal havia terminado de pregar, e uma irmã veio falar comigo: “Pastor”, disse ela, “Deus usou sua mensagem para encher de esperança a minha vida, hoje. Estou muito agradecida.” Então, perguntei: “Por quê? A irmã está enfrentando alguma dificuldade?”

Ela suspirou, contou sua história e, depois, oramos juntos. Passado algum tempo, percebi que nosso diálogo exerceu grandes mudanças em sua vida. Pela misericórdia de Deus, fui capaz de ajudá-la, fora do púlpito, de uma forma que não seria possível se eu apenas me limitasse a pregar.

O exemplo de Cristo

Sermões são como sementes lançadas ao solo. No fim de cada mensagem, alguns ouvintes se perguntarão: “Que faremos, irmãos?” (At 2:37). E essa interrogação permanecerá, podendo ainda ser abordada muitas vezes longe do púlpito. Ali, encontraremos preciosos momentos em que poderemos oferecer ajuda, direção e encorajamento aos nossos irmãos, enquanto eles enfrentam os desafios da vida. De fato, ocasiões assim são oportunidades áureas para ministrar às pessoas, do modo como Jesus fazia.

Jesus pregou durante um longo período na montanha. Milhares O ouviram, enquanto Ele ensinava princípios do reino celestial e ficaram maravilhados diante de Sua graciosa e poderosa mensagem. De acordo com Ellen G. White, “os fariseus notavam a vasta diferença entre sua maneira de instruir e a de Cristo. Viam que a majestade, a pureza e beleza da verdade, com sua profunda e branda influência, estavam tomando posse de muitos espíritos. O divino amor do Salvador, Sua ternura, para Ele atraíam os homens” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 47). E o texto bíblico assinala que “descendo Ele do monte, grandes multidões O seguiram” (Mt 8:1). O Salvador tinha tempo para todas as pessoas.

Assim deve ser com os pastores de hoje. Precisam dedicar tempo a cada pessoa, individualmente. Nosso trabalho não termina com a exposição da Palavra. Há muitas outras coisas que podemos fazer depois que descemos do púlpito, e elas não são complicadas, conforme veremos.

Agenda básica

Cumprimente com um aperto de mão. Tradicionalmente, muitos pastores costumam cumprimentar os membros e visitantes, após os cultos da igreja. Um aperto de mão expressa fraternidade, comunhão, mas isso também não é tudo. Junto com o aperto de mão diga a cada pessoa algumas palavras de conforto, ânimo e inspiração, como por exemplo: "Deus abençoe você" ou "Deus ama você". Pode ser que essa atitude seja exatamente o que o ouvinte necessite para curar um coração partido ou colocar uma centelha de encorajamento em uma alma escurecida pelo desânimo e temor.

Tome tempo para ouvir. Um pregador jamais deve se afastar das pessoas; deve amá-las. Às vezes, o pastor se acha esmagado pela sobrecarga e falta de tempo, mas nunca deve evitar o contato com as pessoas. Elas estão procurando justamente isto: alguém que as ouça. Se você não tem tempo para ouvir as pessoas, não roube o tempo delas obrigando-as a ouvi-lo. Certa ocasião, os discípulos manifestaram desejo de que Jesus despedisse a multidão (Mc 6:36), Porém, o Mestre os impediu. Ele falava para multidões, mas dava atenção a cada pessoa, individualmente. Assim, depois de pregar sobre o amor de Jesus, amorosamente pastoreie o rebanho que Ele confiou a você. Apenas dedicar alguns minutos para ouvir alguém ferido e aflito pode fazer toda diferença no seu pastorado.

Dê atenção aos visitantes. Muitas igrejas mantêm um catálogo (caderno ou computador) contendo nomes de visitantes que, em algum momento, estiveram ali. Talvez tenham sido convidados por familiares, amigos, folhetos, ou simplesmente sentiram o desejo de ir. O fato é que estiveram na congregação. Sempre que vão à igreja, os visitantes necessitam ser identificados, saudados e levados a sentir que pertencem à família cristã.

Antes de deixar o púlpito, faça com que os visitantes se sintam bem-vindos, faça-os compreender a alegria que sua presença causa à congregação e dê-lhes calorosas e sinceras boas-vindas. Procure contatá-los após o culto, e, em poucos minutos, possivelmente fará em favor deles mais do que foi feito do púlpito.

Chame as pessoas pelo respectivo nome. Uma grande característica dos pastores de êxito é que eles conhecem pelo nome os membros de sua igreja. Se você não conhece o nome de alguns membros de sua igreja, é porque, certamente, os esqueceu. Certa ocasião, me senti bastante constrangido, quando um irmão veio falar comigo e eu não consegui lembrar o seu nome. Em João 10:14, Jesus Cristo demonstrou possuir notável ética pastoral: "Eu sou o bom pastor; conheço as Minhas ovelhas". Conhece você suas ovelhas? Pode chamá-las pelo nome? Depois de pregar sobre os santos antigos, misture-se com os santos atuais e vivos. Chame-os pelo nome e pergunte sobre seus problemas, dores, mágoas, aflições, ansiedades, preocupações. O bom Pastor nos conhece pelo nome. Por que não fazermos a mesma coisa em relação às ovelhas que Ele nos confiou?

Não viva muito ocupado. "Não tenho tempo para gastar com pessoas; tenho outras coisas mais urgentes para fazer", dizem alguns. E eu lhes digo: deixem essas outras coisas mais urgentes para depois, caso se deparem com um problema envolvendo pessoas, seres humanos. Dê-se ao rebanho. Pouquíssima coisa em seu pastorado é mais importante do que isso. E, à medida que você ajuda outras pessoas a carregar os fardos delas, também se liberta dos seus próprios fardos. Ouvindo sobre a alegria delas, sua alegria aumentará. Orando com elas e em favor delas, você constrói sua fé.

Não se esqueça: as pessoas são o seu campo de trabalho. Se você investir nelas, colherá preciosos frutos para a eternidade. Se estiver demasiadamente ocupado para dedicar tempo a elas, dificilmente será um pastor efetivo e eficaz.

O pastorado inclui mais que eloquência no púlpito. O estúdio de TV leva ao público uma pequena faceta de um trabalho mais amplo realizado além de suas paredes. Em poucos minutos, âncoras, apresentadores e repórteres dão um resumo do que pode ter levado horas, dias ou semanas para ser coletado, editado e aprimorado. A mesma coisa acontece no ministério pastoral. Muito do que você faz é fora do púlpito. Você pode fazer grandes sermões para igrejas cheias, todos os sábados. Aliás, tem o sagrado dever de apresentar sempre o melhor e mais nutritivo sermão bíblico e cristocêntrico. Porém, não se esqueça do importantíssimo trabalho a ser feito depois que termina a pregação. ❧



Gênesis 1 e a teologia adventista



Elias Brasil de Souza

Diretor do Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia, Cachoeira, BA

O que se faz com o primeiro capítulo da Bíblia determina o que será feito com o restante dela

Num esforço para alinhar o relato bíblico das origens com a compreensão científica da realidade, vários estudiosos têm proposto interpretações simbólicas, espiritualizantes ou metafóricas¹ de Gênesis 1. Sugere-se, por exemplo, que os dias da criação não teriam sido literais, de 24 horas, mas longos períodos ou dias de revelação. Tais posicionamentos exegeticos em relação a Gênesis 1 têm exercido influência no debate entre criação e evolução.

Os estudiosos evangélicos que interpretam o texto bíblico de uma perspectiva histórico-crítica – incluindo-se aí católicos romanos e protestantes liberais – normalmente adotam a postura filosófica denominada criacionismo progressivo² ou evolucionismo teísta.³ Mais recentemente, o assim chamado “desígnio inteligente”⁴ tem recebido muita aceitação em alguns círculos. Tais tentativas eruditas de lidar com os aspectos científicos e teológicos das origens suscitam questões relacionadas com a coerência e consistência da revelação bíblica como um todo.

Intenção original e relevância teológica

A discussão sobre a interpretação de Gênesis 1 toca em dois pontos fundamentais. O primeiro se relaciona com a intenção primária do autor bíblico. É preciso determinar se os vários elementos ali contidos visam comunicar informações factuais sobre a criação ou se tencionam apenas expressar uma verdade geral sobre Deus como Criador, em termos metafóricos. O segundo ponto concerne a questões teológicas mais amplas, incidindo sobre como o relato deve ser interpretado, bem como suas implicações teológicas.

Alguns eruditos defendem que o relato da criação em Gênesis 1 não tenciona comunicar informações factuais sobre as origens, mas expressa como parábola uma confissão de fé em Deus como Criador.⁵ Sugere-se, assim, que esse relato, destituído de qualquer preocupação científica, se preocupa apenas com o “quem” e o “porquê” da criação, cabendo à ciência investigar o “como”. Na opinião do teólogo evangélico Clark Pinnock, o propósito central do relato “é ensinar certas verdades teológicas subjacentes ao concerto de Deus com Abraão e sua semente”.⁶

Porém, há notáveis eruditos críticos que afirmam que Gênesis 1 originalmente também tencionou comunicar conhecimento factual ou científico na linguagem da época. Gerhard von Rad, erudito alemão, em seu comentário do livro de Gênesis, sustenta que o autor bíblico tencionou que seu relato fosse entendido literalmente.⁷ Mais recentemente, Terence Fretheim observou que os escritores bíblicos se utilizaram de conhecimento do mundo natural que lhes era disponível em sua cultura.⁸ Fretheim declarou que “apesar de alegações em contrário (freqüentemente no interesse de combater o fundamentalismo), estes textos indicam que os pensadores de Israel perseguiram cuidadosamente questões a respeito do *como* da criação, e não apenas questões de *quem* e *porquê*.”⁹ Note-se que tanto von Rad como Fretheim são eruditos histórico-críticos e que, portanto, não teriam qualquer problema em aceitar uma posição evolucionista a respeito das origens. Mas, ao se defrontarem com o relato da criação em Gênesis, honestamente reconhecem que o autor bíblico tencionou que seu relato fosse entendido literalmente.

Um exame detalhado de alguns aspectos de Gênesis 1 indica a intenção de comunicar informação factual. Por exemplo, os dias da criação contêm várias evidências de que devem ser entendidos literalmente. Com base em argumentos lexicais, semânticos, gramaticais e contextuais, Gerhard Hasel mencionou várias linhas de evidências que corroboram a interpretação literal dos dias da criação.¹⁰ O fato de o lapso de tempo indicado por “dia” (*yom*) em Gênesis 1 ser dividido em tarde e manhã, juntamente com a qualificação desse termo por numeral – o que na Bíblia hebraica indica um dia de 24 horas – implica que o autor bíblico tencionou que seu relato fosse entendido literalmente. Cabe ressaltar também que textos subsequentes do cânon bíblico presumem a criação em dias literais de 24 horas. As instruções quanto à guarda do sábado em Êxodo 20:9-11; 31:15-17, por exemplo, interpretam os seis dias da criação como seqüenciais, cronológicos e literais.¹¹

Argumentando contra a interpretação factual do relato da criação, alguns estudiosos sugerem que a estrutura literária de Gênesis 1 revela um propósito artístico que excluiria ou, na melhor das hipóteses, reduziria bastante o teor histórico do relato das origens. Tal posicionamento reflete a tendência de alguns estudiosos de tratar a literatura bíblica com ficção. Contudo, cabe notar que nem todos os críticos literários concordam com tal dicotomia.¹² Meir Sternberg, por exemplo, nota que “não há universais de formas históricas X ficcionais”¹³ e reconhece a “determinação da Bíblia em santificar e compelir a crença literal no passado”.¹⁴

Feitas estas considerações, pode-se observar alguns aspectos estruturais do relato da criação bem como suas implicações teológicas. Percebe-se que o texto se move do que está mais distante para o que está mais próximo e mais semelhante a Deus (Gn 1:26). Há um movimento das coisas inanimadas para as animadas, da Terra “sem forma e vazia” para o descanso do sábado.¹⁵ Reforçando a beleza estrutural do texto, há duas tríades que formam os seis dias da criação. A primeira tríade revela que Deus realiza uma obra de divisão e separação criando os vários espaços e regiões que serão preenchidos na segunda tríade. Três painéis conectam as duas tríades de tal forma que os elementos criados no primeiro dia correspondem aos do

quarto dia; o segundo dia ao quinto; e o terceiro ao sexto dia. Cada tríade começa com a luz e termina com uma dupla criação.¹⁶ E os três painéis apresentam uma progressão espacial do céu (primeiro e quarto dias) para as águas (segundo e quinto dias), e para a terra (terceiro e sexto dias). Finalmente, a semana conclui com o sétimo dia que, não tendo outro dia que lhe corresponda, permanece distinto dos demais como dia santificado e abençoado para descanso.

da narrativa. Em primeiro lugar, nota-se que o texto narra dois tipos de ação. O primeiro tipo apenas declara: “e assim se fez”, ou, “e houve luz”. O segundo tipo é mais extenso e relata alguma ação específica de Deus em fazer, criar ou separar. Esse tipo ocorre em lugar do primeiro ou então simplesmente o complementa.

Em segundo lugar, percebe-se que alguns elementos estão faltando em alguns deles. Apenas o primeiro e o terceiro dia contêm todos os elementos

Separação	Preenchimento
1. Luz e trevas	4. Luminares
2. Firmamento e águas	5. Aves e peixes
3. Terra e vegetação	6. Animais e seres humanos
7. Sábado	

Note-se ainda que a regularidade e a simetria da estrutura literária de Gênesis 1 utilizam uma fórmula padrão que descreve a ação realizada em cada dia, conforme a seguinte tabela elaborada por William Dabid Reyburn e Euan McG. Fry.¹⁷

Primeiro dia (3-5)	Segundo dia (6-8)	Terceiro dia (9-13)
Introdução 3	Introdução 6	Introdução 9
Comando 3	Comando 6	Comando 9, 11
Execução 3	Execução 7	Execução 9, 11
Avaliação 4	Avaliação –	Avaliação 10, 12
Ação 4	Ação 7	Ação 12
Designação 5	Designação 8	Designação 10
Tempo 5	Tempo 8	Tempo 13
Quarto dia (14-19)	Quinto dia (20-23)	Sexto dia (24-31)
Introdução 14	Introdução 20	Introdução 24, 26
Comando 14, 15	Comando 20, 22	Comando 24, 26, 28, 29
Execução 15	Execução –	Execução 24, 30
Avaliação 19	Avaliação 21	Avaliação 25, 31
Ação 16-18	Ação 22	Designação –
Designação –	Designação –	Tempo 31
Tempo 19	Tempo 23	

Refletindo sobre a simetria e a beleza poética da narrativa da criação, Richard Davidson declarou: “De acordo com Gênesis 1, a obra de Deus representa nada menos do que um *poema divino* escrito na estrutura do espaço. Assim como Deus fala em poesia na Escritura, assim no *princípio* Ele criou em beleza poética.”¹⁸

No entanto, é interessante notar que a precisão estrutural do relato não segue uma predeterminação mecanicista.¹⁹ Em vários lugares, surgem elementos imprevisíveis que violam a lógica estrutural

estruturais. O segundo dia não contém avaliação, o quarto dia não contém designação. Execução e designação estão ausentes no quinto dia, sendo que a última também falta no sexto dia. Em terceiro lugar, observando-se as duas tríades, nota-se que a distinção “separação X preenchimento” não é absoluta, pois os vegetais (preenchimento) pertencem à primeira, enquanto os luminares (separação) estão localizados na segunda.

Em quarto lugar, percebe-se uma complexidade adicional no fato de que o relato da criação em seis dias contém

oito obras criacionais. Analisando-se a estrutura descritiva de cada uma, chegamos ao seguinte quadro elaborado por Middleton:²⁰

singularidade da obra criadora de Deus. A dimensão estética provê percepções teológicas e artísticas da sinfonia cósmica da criação e do caráter do Criador.



I Luz	II Firmamento	III Terra	IV Vegetais	V Luminares	VI Aves e peixes	VII Animais terrestres	VIII Humanidade
1	1	1	1	1	1	1	1
2	4	2	2	2	4	2	4
3	2	3	4a	4b	2	4	2x
4	X	X	3	3	X	3	3x

1 = comando ("haja..."); 2 = execução ("e houve luz"; "e assim se fez"); 3 = avaliação ("e viu Deus que... era boa/bom"); 4 = ação ("e fez separação entre a luz e as trevas"); x = elemento ausente ou deslocado; a, b = variação interna dentro de um elemento padrão.

Percebe-se várias irregularidades nessa estrutura. Enquanto a ordem dos elementos está invertida em alguns casos, em outros, está ausente ou modificada. O relato da quarta obra não registra uma ação de Deus, e sim de uma criatura, a Terra. No nível gramatical, também aparecem algumas variações não predizíveis. Assim, o primeiro dia da criação é qualificado por um numeral cardinal, ao contrário dos outros seis dias. O sexto e o sétimo dias estão acompanhados de artigo (*o* sexto dia; *o* sétimo dia). Ademais, a distribuição dos verbos *bara'* e *asah* no relato parece ser aleatória.

À medida que se analisa o relato da criação (Gn 1:1-2:3), percebe-se que uma série de complexidades vai surgindo. Os vários elementos que formam a estrutura narrativa, embora predizíveis em um primeiro nível de leitura, tornam-se mais e mais complexos em seus detalhes, apresentando anomalias não predizíveis. Um exame atento do relato em seus detalhes revela que o universo da predizibilidade newtoniana, aparente na superfície da narrativa, cede lugar a uma percepção mais em consonância com o princípio de indeterminação postulado pela física moderna. Assim, o relato da criação em Gênesis 1 parece refletir um universo dinâmico, em consonância com alguns postulados da nova física.²¹

O relato formal e estilizado na superfície torna-se complexo e imprevisível nos detalhes, em uma combinação que de forma alguma parece depor contra sua factualidade. Longe de ser contraditórias, as dimensões estéticas e as complexidades de Gênesis 1 se combinam para reforçar e enriquecer o relato da criação, sugerindo a factualidade e

Ao mesmo tempo, as complexidades do relato sugerem sua historicidade e fundamentam as percepções estéticas e teológicas no chão da realidade. Um relato ficcional não teria legitimidade para nos informar de onde viemos, nem autoridade para determinar que rumo devemos seguir, e careceria de credibilidade para revelar para onde vamos.

Implicações teológicas

Para extrair as implicações teológicas de uma interpretação simbólica de Gênesis 1 para a teologia adventista, escolhemos como amostragem os seguintes tópicos ou temas doutrinários: matrimônio, sábado, salvação e escatologia. Sugerimos que as conclusões a respeito desses tópicos se aplicam a outros aspectos da teologia adventista, inclusive às vinte e oito crenças fundamentais.

Matrimônio. A visão bíblico-cristã da união matrimonial monogâmica heterossexual, permanente e exclusiva é apoiada na historicidade de Gênesis 1 e 2. Em confronto com os fariseus, Jesus declarou: "Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio" (Mt 19:8). Ao fundamentar seu argumento de que a permanência da união matrimonial remontava ao "princípio", Jesus remete Seus interlocutores ao relato das origens e, ao mesmo tempo, presume a confiabilidade histórica desse relato. Uma interpretação não factual de Gênesis 1 e 2 destrói o argumento de Jesus e abre as portas para uma visão relativista do casamento.²²

Sábado. O mandamento do sábado ancora-se na realidade de uma criação em sete dias literais. Renunciando-se a



interpretação literal de Gênesis 2:1-3, desaparece a motivação para guardar o sábado, expressa em Êxodo 20:9-11. Como afirmou Richard Davidson, “a criação provê o supremo fundamento para a observância universal e eterna do sábado em nosso planeta. O sábado é um memorial da criação e o seu significado está ligado à criação”.²³

“Entender o primeiro capítulo da Bíblia como relato factual é a única opção viável”

Porém, não é somente a legitimidade do quarto mandamento que deriva da ordem da criação. Os demais mandamentos da lei de Deus com suas demandas morais e éticas se fundamentam no fato de que Deus é o Criador e de que o ser humano foi criado à Sua imagem e semelhança. Se o mundo veio à existência mediante um processo evolutivo que levou milhões ou bilhões de anos, desmorona-se o fundamento bíblico para a santificação do sétimo dia da semana.

Assim, não seria mais possível recorrer à Gênesis 2:1-3 para sustentar a importância do sábado com base na ordem da criação. O sábado e os outros mandamentos se tornam mero produto de convenções religiosas e sociais, apoiadas não mais pela autoridade da revelação divina, mas pela tradição e conveniência humanas.

Salvação. A doutrina bíblica da salvação pressupõe a queda do ser humano em pecado e a conseqüente entrada da morte nas esferas da criação. O plano de salvação consiste na obra de Deus em restaurar e redimir os seres humanos e a natureza à Sua condição original, culminando na erradicação da morte. Tal visão do plano de Deus é coerente com o relato de Gênesis, que retrata o mundo originalmente isento de morte, tanto de animais como de seres humanos. Note-se que a alimentação provida aos animais e seres humanos era vegetariana, indicando com isso que até mesmo

o reino animal estava livre da morte. A intenção divina revelada nas Escrituras é a restauração dessa condição original.

Em contraste, o criacionismo progressivo e o evolucionismo teísta adotam a pressuposição de que a morte – de criaturas inferiores ou seres humanos – é parte do processo mediante o qual Deus, ou uma inteligência superior, trouxe o mundo à existência. Não é difícil notar o impacto dessa visão sobre a doutrina bíblica da salvação e da redenção. Se a morte é o instrumento para os processos evolutivos empregados por Deus, é difícil entender como Paulo pôde declarar que a morte é o último inimigo a ser destruído (1Co 15:16). Como disse Baldwin, “se a morte existiu antes de Adão, então Cristo, em última instância, não redime ninguém de um destino que não era um aspecto da vida antes do pecado de Adão”.²⁴

Escatologia. A escatologia retratada nas Escrituras sustenta que Jesus voltará em breve para buscar os salvos, e Deus vai recriar a Terra para ser a eterna morada dos remidos, em uma condição em que pecado e morte não mais existirão. A primeira criação fornece a linguagem e a base teológica para a certeza de uma nova criação, como indicado pelos paralelos entre, por exemplo, Gn 1, 2 e Ap 21, 22. Diante disso, se poderia inquirir como uma visão evolucionista explicaria a nova criação. Se foram necessários bilhões de anos para produzir a primeira criação, que segundo alguns ainda está em evolução, de quantos bilhões de anos Deus necessitará para criar os novos céus e a nova Terra? É difícil imaginar como a segunda vinda de Cristo poderia se enquadrar numa cosmovisão evolucionista.

Única opção viável

Com base nessas considerações, concluímos que o autor bíblico tencionou que seu relato fosse entendido como descrição real, factual e histórica das origens, no que foi seguido pelos demais escritores bíblicos, os quais, quando citaram ou aludiram ao relato da criação, presumiram uma interpretação literal de tal relato. Sendo assim, interpretações que não sejam histórico-factuais dos dois primeiros capítulos da Bíblia exigiriam, por questão de consistência, uma reinterpretção de doutrinas fundamentais do cristianismo e, por conseguinte, da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como foi exemplificado, o casamento, o sábado, a salvação e a escatologia perderiam sua legitimidade bíblica.

Do ponto de vista deste artigo, há somente duas alternativas mutuamente exclusivas: aceitação do relato da criação conforme sua intenção original, como revelação factual, história de algo que ocorreu como está escrito, assim como aceito por Jesus e os demais escritores bíblicos. Ou se descarta a factualidade da narrativa da criação e, a exemplo das denominações e eruditos bíblicos liberais, mergulha-se num mar de relativismo. Considerando-se que aquilo que se faz com o primeiro capítulo da Bíblia determina o que será feito com o restante dela, para a teologia adventista, a única opção viável é entender Gênesis 1 como Jesus e os apóstolos o fizeram. ❧

Referências:

- 1 Marvin L. Goodman, *Grace Journal* 14:1 (1973), p. 25-38.
- 2 Criacionismo progressivo é uma teoria segundo a qual Deus criou começando de novo muitas vezes em intervalos amplamente separados. Ver Hollis D. Tidmore, *Faith and Missions* 17, n° 3 (2000), p. 79.
- 3 “O evolucionismo teísta ensina que enquanto as várias espécies surgiram através de um processo evolutivo, Deus supervisionou o desenvolvimento da vida” – Stanley Grenz, David Guretzki and Cherith Fee Nordling, *Pocket Dictionary of Theological Terms* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), p. 112.
- 4 L. James Gibson, *Origins* 25:2 (1998), p. 51-54.
- 5 John C. L. Gibson, *Genesis: Volume 1* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1981), 5ss.
- 6 Clark H. Pinnock, *Interpretation* 43, n° 2 (1989), p. 148.
- 7 Gerhard von Rad, *Genesis: A Commentary* (Philadelphia: Westminster Press, 1972), p. 65.
- 8 Terence E. Fretheim, *God and World in the Old Testament: A Relational Theology of Creation* (Abingdon Press, 2005), p. 27.
- 9 *Ibid.*, 28.
- 10 Gerhard F. Hasel, *Origins* 21, n° 1 (1994), v. 5, p. 38.
- 11 *Ibid.*
- 12 Grant R. Osborne, *The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpretation* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006), p. 200.
- 13 Meir Sternberg, *The Poetics of Biblical Narrative* (Bloomington, IN: Indiana University Press, 1987), p. 30.
- 14 *Ibid.*, p. 32.
- 15 Clark H. Pinnock, *Op. Cit.*, p. 149.
- 16 Thomas Whitelaw, *The Pulpit Commentary: Genesis* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2004), p. 9.
- 17 *A Handbook on Genesis* (Nova York: United Bible Societies, 1997), p. 26.
- 18 Richard M. Davidson, *A Love Song for the Sabbath* (Hagerstown MD: Review and Herald Publishing Association, 1998), p. 26.
- 19 J. Richard Middleton, *Sacred Text, Secular Times: The Hebrew Bible in the Modern World* (Omaha, NE: Creighton University Press, 2000), p. 47-85.
- 20 *Ibid.*, p. 68.
- 21 William E. Brown, *Journal of the Evangelical Theological Society* 33 (1990), v. 33, p. 477-487.
- 22 John T. Baldwin, *Origins* 18, n° 2 (1991), p. 53-65.
- 23 Richard M. Davidson, *Op. Cit.*, p. 46.
- 24 John T. Baldwin, *Op. Cit.*

Hospitalidade que salva



Arilton C. Oliveira

Diretor de Ministério
Pessoal e Escola
Sabatina da União Este
Brasileira

*Quando o amor
de Deus entrar
em nosso coração,
mostraremos
amoroso
interesse por
outras pessoas.
O resultado será
maravilhoso*

No livro aos hebreus, está escrito: “Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hb 13:2). Essas palavras não perderam sua força com o passar do tempo. Elas fazem alusão ao incidente relatado no capítulo 18 de Gênesis, quando Abraão, demonstrando cortesia e hospitalidade, sem que soubesse recebeu anjos e o próprio Filho de Deus em sua casa. Paulo também aconselha aos crentes de Roma: “Praticai a hospitalidade” (Rm 12:13).

Em uma pesquisa realizada por Roland R. Hegstad, várias pessoas não adventistas foram convidadas a visitar uma igreja, comprometendo-se a fazer posteriormente um relatório sobre o tratamento ali recebido. Uma das visitas relatou o seguinte: “Nenhuma palavra de boas-vindas transmitida por qualquer diácono ou recepcionista. Encontrei lugar para sentar, sem qualquer ajuda. Ninguém falou comigo, ninguém sorriu nem acenou para mim. Visitantes que eram amigos dos membros foram apresentados. Eu nem mesmo fui notado. Quando saí, um diácono à porta disse: ‘Oi’. Os membros eram frios e indiferentes.”¹

A igreja adventista do sétimo dia investe milhares de reais na impressão de literatura, manutenção de programas radiofônicos e televisivos, além de muitos outros métodos de propaganda, a fim de atrair pessoas. De fato, segundo relatório da Divisão Sul-Americana, 140.887 pessoas visitaram igrejas adventistas em 2007, isso sem mencionar as que não foram computadas. Porém, ocorre um fenômeno curioso: quando alguém que foi alcançado por alguns desses instrumentos de publicidade, ou através de contato pessoal, vai à igreja, nem sempre existe estrutura adequada para recebê-lo, mesmo na programação do sábado. Considerando que uma pessoa, ao se dirigir a uma igreja, o faz desprovida de preconceitos, precisamos estar despertos para o fato de que ali está um candidato a se tornar membro da igreja.

Algumas igrejas experimentam bom crescimento, depois de terem aprimorado o programa de recepção e atendimento aos visitantes. Na igreja central de Piracicaba, São Paulo, 20% dos batismos realizados em 2006 foram alcançados graças à atenção dispensada a pessoas que visitaram aquela igreja. Dezenas de pessoas já foram batizadas graças ao funcionamento de uma classe especial de visitas na Escola Sabatina, na igreja central de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo. Igualmente no distrito de Vila Nova Cachoeirinha, na capital paulista, um sistema de telefonemas transmitidos após o culto tem se demonstrado poderosa ferramenta para alcançar visitantes.

Esses são bons exemplos do que já tem sido feito; mas o que ainda poderíamos fazer para aprimorar a estrutura de nossas igrejas, a fim de recebermos adequadamente os visitantes? Como podemos evangelizar através do ministério da recepção? Neste artigo, sugerimos algumas idéias, na esperança de poder ajudar sua igreja a praticar uma hospitalidade salvadora.

Recepção bem preparada

Ter um efetivo ministério de recepção não é produto do acaso, mas requer tempo

e dedicação. A primeira coisa a fazer é organizar a equipe. Identifique, em sua igreja, pessoas que tenham habilidade para esse trabalho, isto é, que tenham recebido o dom da hospitalidade (1Pe 4:9). Treine e capacite essas pessoas. Escolhida a equipe, os participantes (segundo a escala estabelecida) devem estar a postos 45 minutos antes da Escola Sabatina, prontos para receber e saudar membros e amigos que chegam ao templo.

“O modo como tratamos as visitas na igreja é fator determinante para que elas voltem ou não”

Discreta e educadamente, devem procurar saber se aquela é a primeira vez em que o visitante veio à igreja, qual o meio pelo qual foi atraído (convite de amigos, literatura, entre outros). Em seguida, é conveniente partilhar as seguintes informações:

Estrutura física da igreja (localização de banheiros, bebedouro).
Entrega do boletim com a programação do dia.
Literatura disponível (Bíblia, hinário, cartão com mensagem bíblica, folhetos).
Indicação de sala para crianças (caso estejam presentes), conforme a faixa etária.
Indicar no boletim o local para assinalar se deseja uma visita, oração especial, ou estudos bíblicos.
Conduzir o visitante à classe específica (o instrutor dessa classe deve recebê-lo com toda atenção).

Classe acolhedora

Uma segunda característica da igre-

ja hospitaleira é uma classe de visitas acolhedora. O melhor espaço da igreja deve ser reservado a essa classe. Devemos fazer todo o possível para que o ambiente seja acolhedor e fraterno. Acolher pessoas significa dar atenção às suas necessidades e colocar-se à disposição para qualquer ajuda. O modo como tratamos as visitas na igreja é fator determinante para que elas voltem ou não.

Se não houver um local específico para as visitas, certamente, elas não se sentirão confortáveis, visto que as anotações, o tema da lição e outros elementos de uma classe regular são desconhecidos para elas.

Na mencionada igreja de Piracicaba, vários membros batizados frequentam a classe de visitas. Juntamente com o professor, esses membros têm a função de dar atenção especial aos visitantes, para que estes se sintam bem. São pessoas treinadas para criar um ambiente de aceitação, interação e boa vontade.

Tema apropriado

Devemos evitar que, na classe de visitas, sejam expostos temas polêmicos que possam suscitar preconceitos e afastá-las, possivelmente com uma idéia errônea a respeito de quem somos. A Bíblia nos ensina prudência com relação a isso: “Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:12-14).

Escreveu Ellen White: “Sede muito cuidadosos para não apresentardes a verdade de modo que desperte preconceito, e feche a porta do coração para a verdade. Concordai com o povo em todos os pontos em que podeis coerentemente assim fazer. Vejam eles que amais sua alma, e quereis, tanto quanto possível, estar em harmonia com eles.”²

No site www.escolasabatina.com.br, você pode encontrar material apropriado para classe de visitas. Lembre-se de incluí-las no programa de adoração, motivando-as a participar do louvor, orações e do estudo da lição. No início,

é conveniente não recolher ofertas na classe de visitas, deixando-as à vontade para ofertar no momento oportuno durante o Culto Divino.

Atendimento posterior

O que devemos fazer com as visitas, depois de terminado o culto? Aqui vão algumas sugestões:

Agradecer a presença, convidar para o sábado seguinte ou para algum programa especial que atenda suas necessidades.

Oferecer ajuda para voltar para casa; talvez, uma “carona”, levar ao estacionamento, ao ponto do ônibus.

Caso seja oferecido almoço de confraternização sabática na igreja, convide as visitas para fazer parte desse evento. Os próprios membros da igreja podem eventualmente se preparar e convidar um visitante para almoçar.

Herb Miller afirma que “nenhum outro fator faz maior diferença em melhorar seu acréscimo de membros anualmente, do que uma visita imediata aos lares dos que visitam pela primeira vez a sua igreja”.³ De acordo com os resultados de uma pesquisa que ele realizou, se um visitante for visitado dentro das 36 horas seguintes, durante quinze minutos, haverá 85% de chances de que ele retorne na semana seguinte. Se a visita for feita dentro de 72 horas, as chances caem para 60%. Se for visitado depois de uma semana, as chances de retorno serão ainda mais reduzidas: 15%. Caso a visita seja realizada pelo pastor, as chances de que a pessoa volte à igreja são maiores. Uma coisa é certa: quanto mais rapidamente a pessoa for visitada, melhores serão os resultados.

Finalmente, é verdade que podemos oferecer o melhor treinamento e estabelecer um ótimo ministério de recepção. Porém, acima disso, devemos ter sincero amor, vindo de Deus e fluindo espontaneamente de nosso coração. Assim, realmente mostraremos amoroso interesse por outras pessoas. ❀

Referências:

¹ Roland R. Hegstad, *Ministério setembro/outubro de 1999*, p. 17-19.

² Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 141.

³ Roland R. Hegstad, *Op. Cit.*

“A igreja que está em tua casa”



Kwabena Donkor

Diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

Seria esse um modelo congregacional apropriado para o complexo mundo de nossos dias?

O interesse em igrejas nos lares tem aumentado desde os anos 80. Algumas pessoas são atraídas ao tema por causa de suas implicações eclesiológicas e missiológicas; outras, simplesmente querem demonstrar a impropriedade dos templos atuais. Há também quem goste do assunto por causa das dificuldades econômicas para construção e manutenção de templos em alguns lugares. Qualquer que seja a razão, o fato é que, no que tange à necessidade de templos, Ellen White aconselhou: “As pessoas que serão reunidas necessitarão de um lugar para adoração. Necessitarão de escolas onde as crianças possam receber instrução bíblica. As salas da escola são tão necessárias como necessário é o templo.”¹

Neste artigo, discorreremos sobre o assunto das igrejas nas casas, durante os tempos da igreja primitiva. Esperamos que ele produza melhor compreensão sobre a conveniência, ou não, das igrejas nos lares no trabalho missionário adventista em nossos dias.

No Novo Testamento

O Novo Testamento fala de grupos de crentes reunindo-se regularmente na intimidade de uma casa, em vez de num templo. Essa igreja no lar era um grupo de crentes formado em casa ou ao redor de uma casa (*oikos*). Paulo falou desse tipo de igreja na casa de Áquila e Priscila (1Co 16:19; Rm 16:3, 5), de Filemom (Fm 1, 2) e de Ninfa em Laodicéia (Cl 4:15).

O uso da palavra grega *oikos* para descrever o grupo de crentes não se referia a um espaço demarcado, mas a um grupo identificável. Na verdade, *oikos* era uma unidade sociológica significativa. De acordo com Atos 2:46, os crentes se reuniam nas casas para partilhar o pão. Contudo, com base no fraseado, poderíamos dizer que eles partiam o pão “de acordo com” ou “como em casa” (*kat’oikos*). Semelhantemente, quando eles se reuniam para o ensino, faziam isso “como em casa” (*kat’oikos*). A frase “de acordo com” ou “como em casa” se torna, então, uma unidade de modelo ou padrão, por causa de seu uso em sentido distributivo, em vez de simplesmente local.

A figura da igreja em casa como unidade identificável da comunidade cristã primitiva também pode ser feita lingüisticamente, pois as palavras *oikos* e *oikia* eram usadas de modo intercambiável para esse fenômeno. Essas duas palavras têm uma série de significados que inclui o sentido literal de casa bem como o sentido metafórico de família, lar, clã, e até uma unidade tribal maior como a “casa de Judá”. Essa vastidão de significados está presente na Septuaginta e no Novo Testamento. Entretanto, na Septuaginta e no uso grego secular, em que a palavra *oikos* é utilizada com o nome de Deus, se refere ao templo ou santuário², tendo em Números 12:7 a única exceção. Mas, tal exceção é o único modelo de uso da palavra *oikos* no Novo Testamento, em que a idéia de casa de Deus “é transferida do templo para a congregação que nele cultua”.³ O ponto é que existe um sentido real em que “casa” se torna um grupo ou unidade na estrutura da comunidade cristã primitiva.

Pelo uso metafórico da frase “casa de Deus”, dificilmente se pode afirmar, como resultado da preferência da igreja primitiva, que o modelo de “igreja em casa” fosse in-

tencionalmente normativo. Entretanto, o uso metafórico da expressão “casa de Deus” possibilita aos escritores bíblicos esclarecer a verdade sobre a comunidade cristã com imagens e conceitos tais como fundamento (1Co 3:10-12), pedra angular (At 4:11), pedras vivas (1Pe 2:5) e coluna (1Tm 3:15).

Distribuição e descrição

Parece claro que o modelo “igreja em casa” era uma realidade entre os cristãos primitivos, pois era visto tanto na comunidade cristã de Jerusalém como em outras comunidades, incluindo aquelas que foram estabelecidas pelos esforços missionários do apóstolo Paulo.

Em Jerusalém. Tendo o livro de Atos como fonte primária de informação sobre o uso de casas na igreja primitiva em Jerusalém, verificamos que houve pelo menos duas dessas igrejas naquela cidade. Em primeiro lugar, Atos 1:12-15 descreve os discípulos, depois da ascensão de Cristo, retornando do Monte das Oliveiras para Jerusalém, entrando em uma casa e, depois disso, indo ao cenáculo. Este era um modelo comum de arquitetura no oriente, que ocupava o segundo ou terceiro piso de uma casa.

Era uma sala muito grande para repouso. Considerando que aquele era o lugar em que apóstolos e crentes se reuniam, comungavam e oravam (At 1:14; 4:31), e possivelmente partiam o pão, ensinavam e pregavam (At 2:46; 5:42), esse cenáculo serviu como igreja em casa.

Em segundo lugar, Atos 12:10-17 relata uma reunião de crentes na casa de Maria, mãe de João Marcos. A observação de que “muitas pessoas estavam congregadas e oravam” (v 12) sugere claramente que aquela era uma ampla igreja em casa. Outro detalhe da narrativa sugere que era uma casa ilustre: a portaria guardada por uma garota. Pedro se dirigiu a essa casa na noite em que foi libertado da prisão, implicando que ele a conhecia e sabia que os irmãos deviam estar reunidos ali, no período da Páscoa (At 12:2-4).

Muitos eruditos concordam em que a casa em Atos 12 devia ser diferente do cenáculo mencionado em Atos 1, com os versos 12 e 17 do capítulo 12 implicando pelo menos dois lugares distintos de reunião. Quando Pedro pediu aos crentes na casa de Maria para que anunciassem sua libertação “a Tiago e aos irmãos”, talvez estivesse fazendo referência a um grupo de crentes em outro lugar.

Existe outra razão prática para sugerir que, em Jerusalém, provavelmente havia uma pluralidade de igrejas em casas e não somente as duas aqui mencionadas. Se a igreja cresceu rapidamente, conforme é relatado em Atos 2:41 e 4:4, a existência de apenas duas casas podia ser suficiente para os crentes. Nomear como igrejas aqueles grupos de primeiros crentes é fundamental para examinar a natureza das atividades que tinham lugar em suas reuniões.

Liturgia. Atos 2:42 provê uma lista que parece indicar uma agenda para o culto cristão primitivo. A lista inclui ensino, confraternização, partir o pão e orar – atividades indispensáveis na experiência de adoração de qualquer comunidade religiosa. À parte das casas, o único lugar de reunião para os crentes era o templo, mas é improvável que essas atividades litúrgicas pudessem acontecer ali. Podemos concluir que os crentes viam as casas como sua igreja e ali cultuavam.

Ensino. Embora os primeiros cristãos ensinassem no pátio do templo e ali participassem das orações, isso não impedia que eles fossem envolvidos nas atividades de ensino em alguma casa.

Comunhão e partir o pão. A palavra traduzida como “comunhão” é *koinonia*, que tem a conotação de unidade de



Foto: William de Moraes

mente e coração, dada por Deus, significando uma conexão íntima entre os crentes, com vistas ao apoio e envolvimento mútuo, tanto no sentido material como espiritual (At 2:44, 45; 4:32-37).

Oração. Na mencionada lista, a oração está no plural. Isso indica pelo menos duas possibilidades na prática da oração pelos crentes primitivos: como parte fundamental do evento de partir o pão, possivelmente no seu encerramento, ou como imitação dos tempos de oração israelita no ambiente da casa.

Missão e igreja em casas. O poder do estabelecimento de uma igreja em casa como estratégia evangelística não pode ser ignorado. Atos 5:42 relata que, no templo e de casa em casa, os crentes ensinavam e pregavam sobre Jesus como o Cristo. Pregam a respeito de Jesus como o Cristo, no contexto de Jerusalém, podia ser qualificado, para todos os efeitos e propósitos, como um tipo de pregação evangelística. Igualmente, a experiência de Pedro e Cornélio, em Atos 10:23-48, pode ser vista como indicadora de que as casas, mesmo de crentes cujos familiares não fossem cristãos, podiam funcionar como plataforma para atividades evangelísticas.

A intensa comunhão de “coração e alma” (At 4:32) que a igreja em casa podia favorecer, e sendo materialmente expressada, podia ser atraente para os vizinhos. De fato, considerando o contexto de que os crentes contavam “com a simpatia de todo o povo” (At 2:47), não é irrazoável concluir que o crescimento numérico diário da igreja fosse, pelo menos parcialmente, resultado dessa simpatia. Com base nas atividades realizadas naquelas casas, não poderíamos legítima e teologicamente, chamar de igrejas aqueles agrupamentos?

Em Antioquia

A evidência para igrejas em casas, em Antioquia, não é explícita, mas eruditos sugerem que esse poderia ter sido o caso, por algumas razões: era o modelo do movimento cristão primitivo, e os primeiros convertidos naquela cidade se mostraram tementes a Deus, incluindo pessoas influentes, como Menaém (At 13:1), que poderiam ter disponibilizado suas casas para reuniões. Também é sugerido que uma igreja em casa relativamente pequena não poderia ter chamado a atenção dos habitantes de Antioquia, de acordo com Atos 11:26. Finalmente, a prevaricação de Pedro em

relação aos gentios (Gl 2:11-14) também pode ser tida como evidência para a existência de congregações gentílicas e judaicas separadas, mas que, naquela ocasião, foram reunidas.

Pressupondo que em Antioquia a igreja em casa possivelmente fosse formada depois do modelo estabelecido em Jerusalém, assuntos como organização, culto e missão, discutidos no tópico anterior, também podem ser aplicados a Antioquia.

No ministério de Paulo

Já vimos que as cartas do apóstolo Paulo reconhecem a existência de igrejas em casas. O livro de Atos contém relatos de reuniões desse tipo, realizadas em Filipos, Tessalônica, Corinto e Trôade. Não precisamos mergulhar nos detalhes dessas e de outras igrejas, mas apenas notar os textos que, possivelmente, as mencionam: Filipos (At 16:11-15, 25-34); Tessalônica (At 17:1-9); Corinto (At 18:7, 8; Rm 16:23; 1Co 16:15, 17); Cencréia – Febe é descrita como *prostátis*, ou seja, “protetora” (Rm 16:1, 2); Éfeso (At 18:18, 19, 26; 1Co 16:19); Roma (Rm 16:3, 5, 10, 11, 14, 15) e Colossos (Fm 1, 2).

Além disso, assim como aconteceu em Jerusalém, houve a possibilidade de mais igrejas em casas nessas cidades; por exemplo, em Filipos – na casa de Lídia e o carcereiro – e em Corinto – nas propriedades de Áquila e Priscila, Justo, Crispo e Gaio.

A existência de igrejas em casas no tempo de Paulo tem sido questionada por alguns eruditos em Novo Testamento, que argumentam em favor de “igrejas em prédios residenciais”.⁴ Essas deveriam reunir moradores de vários apartamentos em um só lugar. Segundo os defensores desse pensamento, a condição social dos primeiros cristãos era tão limitada que eles não poderiam ter casa própria. Entretanto, esse é um argumento difícil de ser provado, quer pela arqueologia quer pela evidência bíblica.⁵ Provavelmente, Febe tinha um passado de escravidão, mas se tornou benfeitora. A evidência parece convencer de que os cristãos das igrejas resultantes do rastro missionário de Paulo se reuniam em casas de alguns membros influentes.

Adoração. 1 Coríntios 11 e 14 contém dados relevantes à liturgia na igreja de Corinto. Alguns discutem se esses capítulos falam de duas cerimônias separadas: uma para celebrar a Ceia e a outra

para a pregação da Palavra. Em qualquer desses casos, estão presentes os elementos do culto: cântico, oração, ensino ou instrução, exposição profética e comunhão. Os elementos litúrgicos em Corinto também estavam presentes em outras igrejas paulinas: Romanos 12:3-8 menciona culto, ensino e exortação. Efésios 5:19 fala a respeito de ensino, cântico de salmos, hinos e cânticos. Finalmente, Colossenses 4:16 nos fornece indicação de que as cartas de Paulo eram lidas para a congregação, durante as reuniões.

O papel das igrejas em casas, originadas com o trabalho de Paulo, parecia seguir a filosofia missionária do apóstolo. Convencido de que tinha que pregar o evangelho ao mundo inteiro, Paulo visitou cidades importantes, seguindo a rota comercial daquele tempo. Então, as igrejas que ele fundou se encaixavam na moldura de funcionamento como células a partir das quais as cidades deviam ser alcançadas. O fato de que Paulo não permaneceu nas cidades para fazer com que as células se transformassem plenamente em igrejas fala desse aspecto (1Ts 3:1-5). Assim, era natural que aquelas igrejas em casas se vissem como base para o trabalho missionário, provendo recursos necessários ao crescimento.

Liderança e organização

O quadro que emerge da discussão feita até este ponto indica que, em muitas cidades em que a igreja primitiva encontrou aceitação, incluindo Jerusalém, houve muitos grupos cristãos operando simultaneamente. Porém, qual era a compreensão desses grupos a respeito de si mesmos, e como essa compreensão era mantida? Isso traz à tona a questão de organização e liderança.

Organização. Atos 8:1 fala a respeito da igreja (no singular) em Jerusalém. Todavia, a evidência apresentada sugere que havia pelo menos dois ou mais grupos de crentes. Atos 2:42-47; 4:31-37 nos mostra uma comunidade de crentes dotados com posses, e a sugestão adicional de que todos eles, na ocasião, deviam ter se reunido no templo para participação comum. Então, parece que, em algum nível, havia uma organização na comunidade dos crentes de Jerusalém, ao passo que, em outros níveis, a comunidade estava organizada segundo o plano de grupos em casas individuais.

Assim, verificamos pelo menos dois níveis de forma de organização. O argumento poderia ser estendido às igrejas

paulinas como Corinto, por exemplo. Na primeira carta endereçada à igreja local, o apóstolo fala da “igreja de Deus que está em Corinto” (1Co 1:2). Embora possa ter havido muitas igrejas em casas individuais, todas elas se consideravam pertencentes à igreja global nas respectivas cidades. Provavelmente, esse era o sentido de identidade que possuíam. Esse não é um dado irrazoável, considerando que a filosofia missionária de Paulo as dirigiu para que vissem a si mesmas como base ou células para evangelizar as cidades. Assim, o alvo missionário falava de sua organização.

Liderança. Tal sistema de organização não poderia ter funcionado sem a correspondente liderança. Com a igreja em Jerusalém, a liderança parecia estar claramente nas mãos dos apóstolos. E o que dizer das igrejas paulinas? A carta aos tessalonicenses nos dá um indício de liderança e a natureza de suas funções nessas igrejas. Paulo apela para que a igreja “acate” um grupo específico de indivíduos. Descrevendo esse grupo, ele usa três participípios no tempo presente: “aqueles que trabalham entre vós” (*koiopiontas*), “os que vos presidem” (*proistamenous*) e aqueles que “vos admoestam” (*vouthetountas*). O uso do tempo presente implica que essas funções não eram esporádicas em sua natureza, mas eram atividades consistentes e habituais na congregação.

Quanto à natureza das funções, a expressão “trabalham entre vós”, originalmente descreve trabalho físico vigoroso em favor do bem-estar físico e espiritual da congregação (1Ts 2:9; 3:5). Entretanto, a frase “os que vos presidem” tem muitos significados incluindo dirigir, cuidar (Rm 12:8) e gerenciar (1Tm 3:4, 5). Finalmente, “vos admoestam” pode envolver instrução, usualmente com o objetivo de exercer correção (1Co 4:14).⁶ Ler 1 Tessalonicenses 5:12 no contexto dos versos 20 e 21 pode nos levar a concluir que alguns na congregação poderiam estar enfrentando o risco de ser corrompidos e necessitavam manifestar respeito por aqueles que trabalhavam entre eles, os que presidiam e admoestavam.

A questão sobre como a liderança era constituída não é tão relevante para nosso estudo aqui, embora seja interessante notar que o chefe da família parecia exercer autoridade e liderança na igreja. Em todo caso, existem muitas evidências de que as funções de lideran-

ça estavam firmemente estabelecidas nessas congregações, como meio de lhes prover bem-estar material e espiritual.

Em Corinto, Paulo desafiou os crentes a que se submetessem a Estéfanos e outros que pareciam exercer funções especiais de liderança. Assim como os de Tessalônica, eles também “se consagraram ao serviço dos santos” (1Co 16:15, 16). Certamente, se não houvesse estrutura de liderança em Corinto, não faria sentido que Paulo esperasse de certos membros a resolução de conflitos internos (1Co 6:1-5). Em outra parte, é feita breve menção a respeito da liderança providenciada pelos *episkopoi* (supervisores ou bispos) e *diakonoi* (diáconos), na igreja de Filipos. Nisso, vemos um desempenho formal e contínuo de liderança eclesiástica.

“Igrejas em casa muito contribuíram para a expansão da igreja primitiva”

Embora a formação de liderança para coordenar as atividades de várias igrejas em casas fosse uma preocupação, esse dever parecia repousar principalmente sobre os apóstolos. Paulo se identificou como “pai” da igreja de Corinto (1Co 4:15). Ele exerceu a função de supervisor à distância nas igrejas que estabeleceu, através das muitas cartas que escreveu, além de contar com a colaboração de alguns missionários como Timóteo, Tito, Silvano e outros. Em adição a isso, devemos ter em mente o papel fundamental que alguns líderes exerceram a partir de Jerusalém, enviando Pedro e João a Filipos (At 8:14), comissionando Pedro a visitar Cornélio (At 11:1-18), encarregando Paulo de pregar o evangelho aos gentios (Gl 2:2), além de administrar questões surgidas a respeito de rituais judaicos e os gentios (At 15).

Avaliação necessária

A impressão que permanece é de que as igrejas que funcionavam em casas eram congregações vibrantes e tinham êxito na pregação do evangelho. Eram autênticas unidades cristãs. Em todas elas, as atividades foram desenvolvidas de tal maneira que as qualificou como igrejas. Entretanto, elas não funcionavam centralizadas em si mesmas; ao contrário, eram bases a partir das quais as cidades deveriam ser alcançadas com o evangelho. Conseqüentemente, parece ter havido algum esforço cooperador entre algumas igrejas, o que requereu organização que, por sua vez, demandou a existência de líderes que promovessem a saúde espiritual, material e missionária das congregações.

É a igreja em casa uma opção para a missão adventista nas grandes cidades hoje? Nosso estudo mostra que, em princípio, o modelo é funcional ou exequível. Realmente, ele podia ser alternativo à vida impessoal das modernas cidades, e assim, um catalisador para o evangelismo, isso sem falar no fator economia.

Entretanto, sua efetividade em qualquer cidade parece depender de cuidadosa avaliação de alguns fatores físicos, sociológicos e organizacionais. Que aspectos arquitetônicos e de espaço deveriam ser considerados? Qual seria o impacto psicológico que o tamanho poderia exercer sobre a viabilidade da igreja? Considerando a mistura socio-cultural da cidade, como o povo seria envolvido no nível mais intenso de interação proporcionado pela igreja em casa? Qual devia ser o papel do proprietário da casa e como isso se ajustaria ao sistema administrativo adventista?

Considerando a potencial influência do proprietário, essa questão é crítica, em vista da proliferação contemporânea de movimentos independentes. Essas e muitas outras questões necessitam ser avaliadas, caso a caso, antes que seja tomada a decisão sobre a viabilidade do estabelecimento de uma igreja em casa nos dias atuais. ❁

Referências:

- 1 Ellen G. White, *The Advocate*, 01/03/1899.
- 2 Colin Brown (editor), *The New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1986), v. 2, p. 247.
- 3 *Ibid.*
- 4 Robert Jewett, *Biblical Research* 38, p. 23-43.
- 5 Roger W. Gehring, *House Churches and Mission* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2004), v. 1, p. 225.
- 6 D. Michael Martin, *The New American Commentary, 1, 2 Thessalonians* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishing, 2002), p. 171.

Força e poder



Josias DeBenedetti

Coordenador da
Faculdade de Direito
do Unasp, Engenheiro
Coelho, SP

*Se, no mundo
secular, as
orientações
divinas sobre
liderança nem
sempre são
consideradas,
na igreja, elas
devem ser a
bússola principal*

Recentemente, recebi a notícia do falecimento do irmão Marçal, membro da igreja adventista de Rio do Peixe, zona rural de Campestre, Minas Gerais. Eu o conheci durante minha infância naquela igreja. Vítima de parada cardíaca, aos 80 anos, durante o trabalho na lavoura, ao ser socorrido, Marçal disse: “Não tenho medo de morrer; estou preparado”. A vida desse homem me faz refletir em algumas coisas: 1) sua força, seu poder e sua morte na comunidade onde viveu; 2) a força, o poder e a morte de Jeorão (2Cr 21:1-20), rei de Judá; e 3) alguns tópicos de aulas do meu doutorado em Direito Constitucional. Que conexão existe entre esses fatos?

Marçal era analfabeto. Sua vida foi marcada pela alegria e hospitalidade. Poucos dias antes de ele morrer, assistimos juntos a um culto. Elogiei seu bom humor, lembrando que “o coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos” (Pv 17:22). Também destaquei sua vitalidade, porque gostava de exibir seus músculos fortes, capazes de erguer sacos de cereais e segurar “bois pelos chifres”. Possuía força. Acaso, possuía também poder?

Jeorão foi rei de Judá, aproximadamente em 850 a.C., sucedendo seu pai, Josafá. Reinou durante oito anos. O veredicto dos escritores bíblicos é de que foi um mau rei, incapaz de representar a dinastia de Davi, porque, segundo seu epitáfio, “andou nos caminhos dos reis de Israel”, que foram “maus perante o Senhor” (2Rs 8:16-23).

Naquela época, os reis costumavam ser avaliados com base nos antecessores e Jeorão foi identificado com a “casa de Acabe”, seu sogro e rei de Israel, porque plagiava suas políticas administrativas de força e poder. Acabe quase acabou com seu governo, por causa das leis de adoração a Baal. Jeorão fez a mesma coisa em Judá. As dinastias que governavam as regiões Norte e Sul estavam ligadas por ideologias e laços sanguíneos (2Rs 8:26; 2Cr 21:6). Fora dos governos, membros das duas famílias também trabalhavam juntas: Jezabel, promovendo a idolatria na região Norte; e sua filha, Atalia, na região Sul (1Rs 16:31; 18:4; 19:2).

O profeta Elias foi chamado por Deus, para advertir Jeorão sobre seu estilo força-poder de administrar. Em uma carta, Elias o advertiu dizendo algo como: Você tem seguido o mau exemplo dos reis de Israel. Tem levado o povo a adorar ídolos. Tem matado seus irmãos, que eram melhores que você. Deus vai permitir um castigo terrível sobre o povo de Judá, seus filhos, mulheres, e vai destruir tudo o que é seu. Você vai ter uma doença intestinal muito séria (2Cr 21:12-15).

Teimoso em manter estilos arcaicos de administrar, Jeorão continuou no mau sistema força-poder de seus antecessores e causou enormes prejuízos à nação. O que eles consideravam sucesso era, na verdade, fracasso porque, temendo ser contrariados, perpetuavam as misérias de um poder corrompido e ineficaz. Mudanças costumam contrariar interesses e provocar medo, principalmente porque, às vezes, significam perda de poder. A ausência de mudanças necessárias atrofia a sociedade e as instituições, fazendo a mediocridade progredir.

Por seu estilo ditatorial e incompetente, Jeorão maculou sua biografia. No fim da vida, diz o texto bíblico, “saíram-lhe as entranhas por causa da enfermidade, e mor-

reu com terríveis agonias” (2Cr 21:19). Sufocado pelo sofrimento de um péssimo reinado, mas também aliviado pela morte do mau líder, “o seu povo não lhe queimou aromas”. Morreu jovem, aos 40 anos, “e se foi sem deixar de si saudades” (v 20). Jeorão possuía força. Acaso, possuía também poder?

As palavras força e poder são atos-fatos que têm percorrido a história divina e humana. Quando fragmentados, seus significados e sentidos são diversos. A palavra força, em sentido amplo e geral, tem origem no latim *fortia*. É o resultado final de qualquer “força motriz” que move com “esforço, vigor, energia e violência”. Está associada à ação física, passividade e ao temor. É vinculada ao que é visível, palpável e concreto. Se força pode ser vinculada, direta ou indiretamente, à violência física, alguns exemplos são a “força natural” (força da água, vento e fogo) e a “força comum” (força militar, paternal e maternal).

Em sentido extenso, o termo poder é a “faculdade e o poder legal de agir”, derivados de um direito próprio ou em virtude de um poder de representação. Está associado com o mundo invisível e abstrato da reverência-obediência e da democracia-diplomacia. Pode ser associado com poder administrativo, poder de julgar, disciplinar, e poder divino. Se pudermos associá-lo, direta ou indiretamente, com reverência e respeito, alguns exemplos são o poder de líderes políticos e o poder dos pais sobre os filhos.

Portanto, mesmo sendo força e poder ações e atos próximos e conexos, não são sinônimos. Costuma-se associar à força a idéia daquilo que está próximo e presente. O poder é mais universal e amplo, mais dinâmico e cerimonioso. Se a força é mais objetiva, totalitária, visível e quase intocável, o poder é mais subjetivo, invisível e necessariamente trocável.

Jogo de gato e rato

Em seu livro *Massa e Poder*, Elias Canetti, judeu-búlgaro e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1981), diz que força e poder se assemelham com um dos órgãos mais importantes do corpo humano: a boca. A força está na ação

da musculatura mandibular de destruir os alimentos para nutrir o corpo, e o poder está na capacidade que tem a língua de construir ou destruir pessoas com palavras. A Bíblia já disse: “Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, [...] é mal incontido, carregado de veneno mortífero. Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos?” (Tg 3:6, 8, 11, 12).

Outro exemplo de força e poder é o da relação predador-presa entre o gato e o rato. Ao abocanhar sua presa, o gato exterioriza tanto a sua força (concreta) como seu poder (abstrato). Uma vez capturado, o rato fica à mercê da força e do poder do gato, que irá mantê-lo cativo até a morte. Mas, entre a captura e a morte do roedor, surge um novo elemento: o gato cria tempo para controlar a vida do rato. Durante esse período, surge um jogo de força e poder entre o forte e o fraco; o gato predador e o rato presa. O gato dominador e o rato dominado.

O gato, que tem mais força-poder, brinca com o rato, que tem menos força-poder, soltando e prendendo, prendendo e soltando o roedor. Após os vaivéns dessa prisão-liberdade, o rato se torna refém da força-poder do gato. A relação de cativo entre as duas criaturas revela tanto a força (pegar, prender e destruir a presa) como o poder: o rato, mesmo livre por alguns instantes, fica imobilizado pelo poder abstrato do gato; perde a capacidade de reação. Sua tortura “psicológica” dura até o momento em que for devorado.

Embora num jogo como este o rato seja perdedor, com solidiedade e “choro” humano, em

outro jogo pode ser vencedor e causar estragos: ser roedor de um sistema, por exemplo. No exercício da roedura, não revelará poder, mas revelará uma força sutil, perigosa e suficientemente capaz de desmoronar grandes estruturas administrativas.

A relação força-poder entre gato e rato é plenamente aplicável aos seres humanos. Numa esfera administrativa, por exemplo, são visíveis as estratégias de líderes fracos que buscam recursos na força para se demonstrar fortes. O líder somente é bem-sucedido quando se preocupa com coisas num plano macro. Quando não tem poder, se preocupa apenas com coisas do plano micro, usando a força do cargo para parecer forte. Devido à fraqueza do poder, cria estratégias: dificulta o trabalho das pessoas competentes, porque são “sombra” para eles. Outra estratégia é cercar-se de pessoas mais fracas que o próprio líder fraco, para parecer forte diante da comunidade. O resultado é o avanço da mediocridade, da qual Jeorão foi grande exemplo.

A Bíblia também se refere à força e ao poder como formas distintas de comando. Em vários textos, ela é associada com ação física, domínio. O profeta Isaías usou a metáfora do “braço” de Deus para mostrar a força divina na inauguração do Seu reino sobre a Terra: “Eis que o Senhor Deus virá com poder, e o Seu braço dominará” (Is 40:10). Zacarias também usa o mesmo recurso ao descrever uma missão de Deus a Zorobabel: “Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito” (Zc 4:6). Nesse caso, Deus repudiou

o uso da força-violência como método da solução de problemas que o líder israelita enfrentava na gerência dos judeus exilados do cativo babilônico.

Poder, tanto no substantivo (autoridade) como no verbo (poder), também aparece em diversos textos bíblicos. Sobre o poder-substantivo, em Mateus 6:13, está escrito que a Deus pertencem “o reino, o poder [autoridade] e a glória para sempre”. Quanto ao poder-verbo, em Gênesis 15:5, nos é dito que Deus mostrou uma noite estrelada para Abraão e disse: “Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes [poder]”.

Retórica das perguntas e respostas

A força e o poder também podem ser percebidos nos diálogos entre pessoas, inclusive na Bíblia. Em geral, a pergunta é uma espécie de “intromissão” na vida alheia. Quando aplicada como instrumento de força, pode causar violência física ou psíquica. Quando é utilizada como instrumento de poder, pode revelar preocupação com a dignidade humana.

O profeta Elias perguntou a um grupo de adoradores hesitantes: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; se é Baal, segui-o” (1Rs 18:21). Segundo o texto, “o povo nada lhe respondeu”, ficando em silêncio. Ao perguntar, o profeta revelou seu poder (autoridade divina); e o povo, ao nada responder, revelou uma forma extrema de defesa: o silêncio, arma utilizada tanto por indivíduos inocentes como inseguros.

João, o evangelista, também descreve um importante diálogo entre Pilatos e Jesus, envolvendo força-poder. Uma pergunta de Pilatos foi: “És Tu o rei dos

judeus?”, ao que Jesus respondeu com outra pergunta: “Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a Meu respeito?” Nova pergunta de Pilatos: “Que é a verdade?” Há um silêncio sobre a resposta de Jesus. Mais perguntas: “Donde és Tu?” Novo silêncio de Jesus. Inconformado, Pilatos adverte: “Não me respondes? Não saber que tenho autoridade tanto para Te soltar e autoridade para Te crucificar?” Jesus, então, resolve responder: “Nenhuma autoridade terias sobre Mim, se de cima não te fosse dada” (Jo 18:28-38; 19:1-16).

Quem pode deve responder com outra pergunta ou com o silêncio. Esse é o melhor meio de defesa já comprovado. Cristo utilizou esse recurso perante Pilatos. Suas respostas baseadas no silêncio foram como um ricochetear de arma no escudo (força) de Pilatos. O poder do silêncio é admirável, porque demonstra que uma pessoa é capaz de resistir a várias oportunidades de falar. E, ficar calado é uma boa forma de defesa contra pessoas mal-intencionadas, que até produz vantagens: o interrogado não se entrega a quem lhe deseja o mal e transmite a impressão de ser mais forte do que realmente é. Porém, o silêncio obstinado pode conduzir alguém à penosa inquisição, tortura psicológica. Isso aconteceu com Cristo e, do mesmo modo, pode acontecer entre nós, no relacionamento superior-subordinado, líder-liderado.

O diálogo entre Cristo e Pilatos revela tanto o uso da força quanto o uso do poder nas perguntas e respostas. Pilatos, em seu estilo inseguro de governar, apelou para sua força de líder fraco para julgar Jesus. Se possuísse um poder autêntico, o processo de julgamento seria diferente. Indivíduos tementes a Deus não transferiram poder a Pilatos e, sem poder divinamente


outorgado, governava unicamente com a força imperial de Roma.

Assim como na antiguidade, muitas pessoas nos dias de hoje costumam usar muito mais a força do que o poder, para expressar autoridade e se manter ferrenhamente nos respectivos cargos e funções. Até mesmo utilizam a sutileza de artimanhas intimidadoras, ajudando a perpetuar a erva daninha da improdutividade. Perguntas e respostas têm se mostrado método eficaz para que algumas pessoas que detêm força e poder intimidem adversários e subalternos. Em muitos processos eleitorais seculares, por exemplo, esse é um recurso utilizado para definir candidatos e eleitos.

Deixando saudades

Freqüentemente, nas mais elevadas instâncias da igreja, ocorre o processo de escolha e nomeação de líderes para diversos cargos. Anualmente, acontece o mesmo nas igrejas locais. Em todas as situações, direta ou indiretamente, tanto a força quanto o poder estão em evidência. Se, na esfera pública, costumeiramente as orientações de Deus no que tange a força e poder são desprezadas, nos negócios da igreja, elas devem ser o padrão inamovível de conduta, a bússola principal.

As biografias de personagens bíblicos do passado e fiéis de todos os tempos podem ser um espelho para as decisões que Deus espera de nós: errar o menos possível na escolha de renovação ou continuação de uma liderança. Quem for escolhido simplesmente deve trabalhar com humildade, dedicação, espírito de serviço, de modo que, quando for embora ou for chamado ao descanso deixe saudades.

Marçal não exerceu cargo ou poder na igreja, nem por isso deixou de participar e colaborar como incansável evangelista voluntário. Jeorão tinha o poder da força humana. Usou a força para anular e aniquilar adversários. Foi embora “sem deixar de si saudades”. Nisso, todos precisamos refletir. 



Princípios de liderança



Stephen Grunlan

Pastor em Overland Park, Kansas, Estados Unidos

Características de um líder espiritual efetivo, segundo o livro de Provérbios

Embora a Bíblia focalize, primariamente, o amor de Deus por nós e Seu plano de redenção, também provê ensinamentos sobre liderança espiritual. De Abraão a Moisés, dos juízes a Davi, de Pedro, Paulo e Jesus Cristo, Deus tem usado líderes para cumprir Seus propósitos. A Bíblia não nos dá apenas exemplos, mas também princípios de liderança espiritual. Alguns desses princípios estão explícitos ou implícitos no livro de Provérbios.

Influência

“Na multidão do povo, está a glória do rei, mas, na falta de povo, a ruína do príncipe” (Pv 14:28). Liderança não é tanto uma questão de posição, mas de influência. Quando Paulo foi levado prisioneiro para Roma (At 27), o navio em que ele viajava enfrentou uma tormenta e quase foi a pique. No momento crucial, o apóstolo assumiu o controle da situação e sua liderança salvou a tripulação. Podemos ocupar qualquer função na igreja, mas nossa influência é que conta. O verdadeiro teste do líder é ter (ou não) seguidores.

Aconselhamento

“Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito” (Pv 15:22). Absalão rejeitou o conselho de Aitofel e isso lhe custou a vida (2Sm 17). Reoboão recusou ouvir os conselhos de seu pai e isso lhe custou metade do reino (1Rs 12). Por outro lado, Moisés ouviu seu sogro e salvou sua liderança (Êx 18).

Ser líder não significa ter todas as respostas. Cada um de nós precisa ter conselheiros em quem possa buscar ajuda em tempo de necessidade.

Motivação, não manipulação

“Nos lábios do rei se acham decisões autorizadas; no julgar não transgrida, pois, a sua boca” (Pv 16:10). Destemidamente, Neemias motivou o povo a reconstruir os muros de Jerusalém (Nm 2:17-20). Ele traçou uma visão, partilhou um plano e reafirmou que Deus os acompanharia naquele empreendimento. Quando induzimos o povo a um propósito mais elevado, nós o motivamos. Quando o conquistamos em interesse próprio, nós o manipulamos.

Necessitamos ser cuidadosos para não usar o povo na construção de nosso próprio reino, progredir em nossa carreira. É muito fácil perseguir objetivos certos, por caminhos errados, porque, às vezes, motivação e manipulação caminham tão juntas que é difícil distinguir a linha divisória entre as duas coisas. Porém, sempre devemos nos lembrar de que não estamos liderando uma igreja que é nossa, mas a igreja de Cristo.

Senso de justiça

“A prática da impiedade é abominável para os reis, porque com justiça se estabelece o trono” (Pv 16:12). Todo líder espiritual deve confrontar a injustiça e tratá-la sem temor ou favor, a exemplo do que Paulo fez com Pedro, em relação ao tema da igualdade entre judeus e gentios (Gl 2:11-14). Com o passar dos anos, tenho me deparado com

peças envolvidas na prática de injustiça. Tratar com esses casos pode não ser trabalho fácil, mas é parte indispensável da liderança efetiva.

Líderes espirituais efetivos não apenas devem confrontar a injustiça, mas também manter os mais elevados padrões éticos, particularmente em duas áreas: dinheiro e sexo. Precisamos construir salvaguardas e sistemas de vigilância relacionados a essas duas áreas, a fim de que estejamos protegidos e conservados acima de qualquer reprovação.

Integridade

“Os lábios justos são o contentamento do rei, e ele ama o que fala coisas retas” (Pv 16:13). A honestidade pode ser classificada como fundamento da liderança. Bons líderes não apenas são honestos, mas se acercam de pessoas honestas. O povo não segue um líder ao qual falta integridade. Como disse o senador norte-americano Allan Simpson, “se você tiver integridade, nada mais importará. Se não tiver integridade, nada mais importará”.

Integridade envolve palavras e atitudes. Não é somente questão de não roubar; integridade significa não ser hipócrita. É praticar aquilo que pregamos, ser coerentes e consistentes, fazendo o que dizemos que o povo deve fazer, e viver de tal maneira que as pessoas possam confiar em nós.

Controle emocional

“O furor do rei são uns mensageiros de morte, mas o homem sábio o apazigua. O semblante alegre do rei significa vida, e a sua benevolência é como a nuvem que traz chuva serôdia” (Pv 16:14, 15). O rei Saul era um líder destemperado que perdia o controle das emoções, o que resultou na perda do reino. Por outro lado, quando o apóstolo Paulo era caluniado por falsos mestres, ele respondia calma e racionalmente. Embora os líderes devam, de alguma forma, ser apaixonados, essa paixão precisa ser mantida sob controle.

Freqüentemente, os líderes são atacados e vítimas de acusações falsas. Nem sempre as pessoas os compreendem. Por isso, são alvos de falatórios injustos, suspeitas, e são atribuídos motivos errados às suas propostas. Tudo isso unindo-se às pressões próprias da liderança pode causar descontrole emocional. Porém, é nosso dever andar sob constante vigilância, mantendo sob absoluto controle nossas emoções. Precisamos orar sem cessar.

Trato com a oposição

“O rei sábio jõeira os perversos e faz passar sobre eles a roda” (Pv 20:26). Embora nosso alvo, no trato com indivíduos perturbadores e desordeiros, inclua restauração e cura, não devemos tolerar a desordem e a oposição resistentes à tentativa de correção amorosa. O conselho bíblico não deixa dúvidas quanto a isso: “Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada” (Tt 3:10, 11).

“Se você tiver integridade, nada mais importará. Se você não tiver integridade, nada mais importará”

Durante o tempo em que conduziu Israel à terra prometida, com freqüência, Moisés se viu obrigado a enfrentar pessoas que se rebelavam contra ele. Permitir que tais pessoas continuem interminavelmente causando problemas não é demonstração de graça ou misericórdia. Na comunidade, outros poderão ser afetados por seu comportamento. Se realmente estivermos empenhados em promover o bem-estar da igreja, não nosso próprio conforto, enfrentaremos com as armas de Cristo os indivíduos que causam injúria ao Seu corpo. Quanto mais cedo um problema for tratado, mais fácil será sua resolução.

Amor e justiça

“Amor e fidelidade preservam o rei, e com benignidade sustém ele o seu trono” (Pv 20:28). Amor sem justiça ou verdade é uma emoção mal direcionada, enquanto justiça ou verdade sem amor é uma realidade fria. Entretanto, amor e justiça, juntos, têm poder para transformar, confrontar amorosamente e corrigir efetivamente.

A Bíblia descreve o amor não como emoção, mas como atitude ou princípio ativo (1Co 13). Quando Jesus Cristo

quis ilustrar o amor que devemos dedicar ao nosso semelhante, falou de ação na parábola do bom samaritano. Amar o semelhante significa que devemos agir no interesse e benefício dele. O bom líder cuida atentamente das necessidades dos seus liderados.

Submissão a Deus

“Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor” (Pv 21:1). A chave para a liderança efetiva é submissão, pois uma liderança sob o controle da vontade de Deus cumprirá Seus propósitos. Os reis de Israel exemplificaram esse princípio. Aqueles que se submeteram a Deus e seguiram Sua vontade tiveram êxito, mas os que seguiram seus próprios caminhos foram desastrosos. Um bom líder precisa ser bom seguidor.


Busca de excelência

“Como a altura dos céus e a profundidade da Terra, assim o coração dos reis é insondável” (Pv 25:3). O crescimento de qualquer organização depende do crescimento dos líderes. O líder efetivo desenvolve e aprimora constantemente suas habilidades. Paulo encorajou Timóteo a crescer como líder (1Tm 4:12-15; 6:11, 12). Esse é um excelente conselho para nós.

O líder não deve somente dar o seu melhor, mas também pode e deve esperar o melhor dos seus seguidores. Sua busca de conhecimento precisa ser incansável. Assim, ele aprimorará seu desempenho e estará credenciado a treinar e capacitar os liderados. Conseqüentemente, todos farão seu melhor em favor da causa de Deus.

Proatividade

“Se o governador dá atenção a palavras mentirosas, virão a ser perversos todos os seus servos” (Pv 29:12). O bom líder não age com base em rumores; ele reúne os fatos e segue o processo descrito em Mateus 18:15-17. Primeiramente, vai à pessoa envolvida. Se isso não funcionar, em uma segunda visita, levará consigo outra pessoa. Se não obtiverem êxito, o assunto será levado à igreja. Se exemplificarmos esse processo, os liderados também o farão, preservando assim a igreja contra os males do mexerico.

Pode ser que nosso esforço em seguir todos esses princípios não seja garantia absoluta de sucesso, mas Deus fará avançar Sua causa. Afinal, não fomos chamados para ter sucesso, mas para ser fiéis a Ele. 

Oração árabe

Deus!

Não consintas que eu seja o carrasco que sangra as ovelhas, nem uma ovelha nas mãos dos algozes.

Ajuda-me a dizer sempre a verdade, na presença dos fortes, e a nunca dizer mentiras para ganhar o aplauso dos fracos.

Meu Deus!

Se me deres a riqueza, não me tires a felicidade; se me deres a força, não me tires a sensatez.

Se me for dado prosperar, não permitas que eu perca a modéstia, conservando apenas o orgulho da dignidade.

Ajuda-me a apreciar o outro lado das coisas, para não enxergar a traição de eventuais adversários, nem acusá-los com maior severidade do que a mim mesmo.

Não me deixes ser atingido pela ilusão da glória, quando bem-sucedido, nem desesperado, quando sentir o insucesso.

Lembra-me de que a experiência de um fracasso pode proporcionar maior progresso.

Ó Deus!

Faze-me sentir que o perdão é a maior demonstração de força, e que a vingança é prova de fraqueza.

Se me tirares a fortuna, deixa-me a esperança.

Se me faltar a beleza da saúde, conforta-me com a graça da fé.

Quando me ferirem a ingratidão e a incompreensão dos meus semelhantes, cria em minha alma a força da desculpa e do perdão.

E, finalmente, Senhor! Se eu Te esquecer, rogo-Te, mesmo assim, nunca Te esqueças de mim.

O Impacto da Esperança



Com vibração e entusiasmo sem precedentes, os adventistas da América do Sul foram envolvidos no Projeto Impacto Esperança, durante a primeira semana de setembro. Embora o clímax da mobilização tenha ocorrido no sábado, dia 6, em dias anteriores, servidores de instituições e regiões administrativas da Igreja distribuíram a revista que foi especialmente preparada para o evento em cidades circunvizinhas, de preferência, sem a presença adventista. Mas isso não impediu que participassem, no dia 6, em suas respectivas igrejas.

O pessoal da Casa Publicadora Brasileira marcou presença, dirigindo-se em oito ônibus à cidade de Tietê, na tarde do dia 2, ali deixando mais de duas mil revistas sobre a volta de Cristo. Não era difícil se prever que a quantidade de revistas destinadas ao Brasil (13 milhões) seria insuficiente; mas, o barulho produzido de norte a

sul, leste a oeste do país foi multiplicado, e a expectativa de colheita dos frutos é grande.

Além das revistas distribuídas pessoalmente e como encarte de jornais em vários estados, o anúncio da volta de Cristo foi feito através de outdoors, adesivos em automóveis e matérias jornalísticas. De acordo com o pastor Edson Rosa, diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana, foram distribuídos 2.170.200 encartes em jornais de todas as regiões do Brasil.



Querida, a igreja tem muitos recursos e pessoas de alto nível intelectual e socioeconômico. A cidade tem excelentes condições de sobrevivência, belíssimos parques para lazer, grandes shopping centers... Sinto que o Senhor está nos chamando para lá.



Alguns pastores têm seu próprio modo de discernir o chamado de Deus.



A BATALHA DE TODO HOMEM

Stephen Arterburn e Fred Stoeker, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; telefone (11) 2127-4147, www.mundocristao.com.br, 249 páginas.

Chamados por Deus para viver o sexo em sua forma mais pura, através do casamento, muitos cristãos parecem estar fazendo pouco caso de um problema com potencial para destruir famílias e ministérios. Neste livro, os autores analisam francamente e sem rodeios esse assunto, não apenas mostrando a realidade do problema, mas também sinalizando com soluções para que o homem de Deus controle seus olhos, sua mente e seu coração, protegendo-se contra as tentações.

A BATALHA DE TODA MULHER

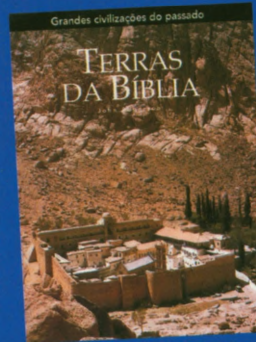
Shannon Ethridge, Editora Mundo Cristão, 220 páginas.

Algumas esposas aparentemente seguras de suas responsabilidades conjugais podem se tornar vulneráveis, ao negligenciar não apenas uma base bem sólida de valores, mas também a disposição de assumir atitudes afirmativas em relação à sua integridade sexual. A autora deste livro sabe que um caso não começa com o primeiro toque proibido, ou com o primeiro beijo, mas com o primeiro pensamento impróprio. A partir dessa compreensão, ela constrói muros de proteção espiritual para a esposa cristã.



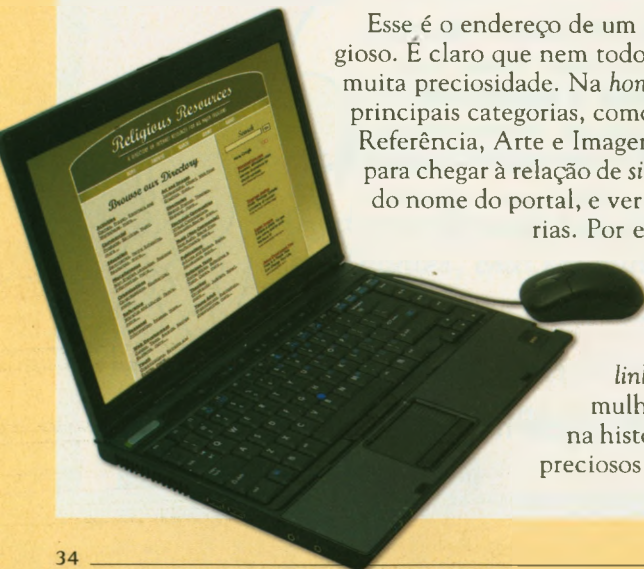
TERRAS DA BÍBLIA

John Rogerson (autor), José Luiz Sánchez e Meritxell (editores para o Brasil), Ediciones Folio, S. A., Barcelona, Espanha; 255 páginas.



Este atlas é destinado a leitores que desejam familiarizar-se com a geografia antiga de Israel. Seu objetivo é apresentar uma visão de conjunto do quadro geográfico em que viveram os autores da Bíblia e seus primeiros leitores, possibilitando uma leitura mais concreta e viva da narrativa bíblica. Excelente recurso para o estudo das Escrituras, sob seu aspecto literário, histórico, topográfico e ecológico.

VEJA NA INTERNET www.religiousresources.org



Esse é o endereço de um enorme e diversificado portal de acesso a sites com material religioso. É claro que nem todos os sites nos interessam, mas no meio de tamanha variedade há muita preciosidade. Na *homepage*, abaixo do título "Browse our Directory" estão listadas as principais categorias, como: Atividades, Comerciais, Educação, Miscelânea, Organizações, Referência, Arte e Imagens, etc. Basta clicar em uma delas, depois clicar na subcategoria, para chegar à relação de sites. Outro caminho é clicar no botão **Browse**, que fica logo abaixo do nome do portal, e ver uma lista completa e clicável de todas as categorias e subcategorias. Por exemplo: Em **Reference**, na subcategoria **Religious Quotations**, está o link para o site "God and the Gratest Minds", um ótimo site com fatos biográficos e histórias sobre músicos, filósofos, cientistas, escritores e artistas que criam em Deus. Outro exemplo: Em **Theology**, na subcategoria **Christianity**, está o link para o site "Alabaster Jars", que traz informações sobre todas as mulheres da Bíblia e também sobre mulheres cristãs que se destacaram na história da humanidade. Conclusão: garimpando é possível encontrar preciosos subsídios para seu ministério. – Márcio Dias Guarda



Divulgação OSA

Bruno Raso

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

Para isto vivemos

Tempos atrás, juntamente com um colega, visitei num hospital um bombeiro que sofrera queimaduras, durante o ato heróico de debelar um incêndio. Seu caso não era grave, mas delicado. Tentando animá-lo, nós o felicitamos por sua bravura e espírito de serviço. Ele abriu os olhos e, com voz débil, mas convincente, nos respondeu: “Para isto vivemos”. Estive pensando muitas vezes naquele sermão de três palavras. Na verdade, um bombeiro não existe para se queimar; porém, no trabalho de proteger bens e vidas, é necessário arriscar a própria vida.

E quanto a nós, pastores, chamados por Deus? Para que vivemos? Estamos vivendo para o que temos que viver: buscar, resgatar, salvar, guardar, proteger e salvar vidas?

O capítulo 11 do livro aos hebreus destaca o papel da fé e da fidelidade, dois matizes interligados em todo o capítulo. Foi a fé que produziu ações e pessoas fiéis. Ela foi a comunhão que se expressou numa missão, a relação que foi evidenciada em resultados. A fé e a fidelidade estão enraizadas na esperança.

Nesse sentido, os heróis mencionados naquele capítulo sabiam para o que viviam, tinham bem clara a missão e o objetivo da existência. Viviam para o que tinham que viver.

Abel percebeu a promessa de um Redentor. Sua oferta não teve valor expiatório, mas a fé na promessa o induziu a apresentar o sacrifício ordenado por Deus. Abel agiu à maneira de Deus. A trasladação de Enoque mostrou que mesmo que o pecado separe o homem de Deus, Seu plano é recuperar Seus filhos. E há um caminho aberto: Jesus, o caminho, a verdade e a vida. Enoque se tornou amigo de Deus, andava com Ele e foi para o Céu. Todo aquele que, a exemplo desse patriarca, anda com Deus tem garantida a entrada no paraíso celestial.

Não havia evidências de que fosse possível uma catástrofe como o Dilúvio. O fato de se preparar para esse acontecimento foi um ato de fé da parte de Noé. A construção da arca foi um testemunho de sua decisão e seu estilo de vida, na contramão do mundo. Sua renúncia às vantagens mundanas testemunhou de sua fé em Deus. Noé não temeu o ridículo, aceitou a Palavra do Senhor e se deixou guiar pela vontade divina.

Abraão e sua família se dirigiram para a terra de Canaã, o que não significa que, ao deixar a parentela, conheciam o seu destino. Simplesmente obedeceram ao chamado de Deus. Obviamente, foi instruído quan-

to à direção em que deveriam ir e à rota a ser seguida. Abraão foi obediente à direção de Deus. Sara tinha 90 anos quando deu à luz Isaque. Sua esterilidade, até essa época, fez com que a concepção fosse um impressionante milagre. Não havia base humana para crer na promessa de Deus, de que ela teria um filho. Tudo o que tinha que fazer era aceitá-la pela fé. Sara o fez, porque acreditou no Senhor, e aprendeu que Ele é o Deus do impossível.

José não tinha evidências concretas sobre as quais fundamentar sua esperança de que a família voltaria à Canaã e ocuparia o país. Seu pedido de que fosse sepultado na terra prometida, quando sua família voltasse para lá, baseava-se nas promessas de Deus.

Moisés rejeitou as honras, a hierarquia e o momentâneo poder, por causa de sua confiança no elevado destino que Deus lhe havia traçado bem como a seu povo. Segundo todas as aparências, nada podia ser de menor valor que colocar a esperança em tais coisas, pois os hebreus estavam submetidos à mais vil servidão egípcia. Somente a fé nas promessas divinas pôde induzi-lo a rejeitar o trono do Egito.

Moisés tinha que escolher entre o trono do império mais poderoso do mundo, ou se juntar a uma raça de escravos e ser maltratado. Sofreu, mesmo sendo caudilho do povo hebreu. Os israelitas eram de dura cerviz e rebeldes; sempre murmuravam. Moisés escolheu um destino que, de qualquer ponto de vista, nada lhe podia oferecer. Pôs o olhar nas promessas e nos privilégios da aliança. Como fez Paulo 15 séculos depois, trocou voluntariamente a glória e o poder passageiros pelas menos vivíveis promessas e recompensas da aliança.

Mesmo Raabe, pagã e pecadora, mas convertida e protegida pelo sangue de Cristo, chegou a ser ancestral de Cristo. Todos esses e outros heróis sabiam para o que viviam e para isso viviam. Entretanto, não receberam a recompensa prometida, a fim de que a recebam juntamente conosco. Agradecemos a Deus por nos haver considerado fiéis, ao nos chamar para o ministério pastoral. Fiéis, nos caminhos da fé, na comunhão, na missão, na esperança. “Pela fé podemos chegar até o limiar da cidade eterna e ouvir as afáveis boas-vindas dadas aos que, nesta vida, cooperaram com Cristo, considerando uma honra sofrer por Sua causa” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 601). Para isso vivemos. ❀



Você pode abreviar este momento
Evangelize com publicações

Seja um mensageiro da esperança!
Acesse: www.portaladventista.org/publicacoes

